

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

**COOPERATIVA DE CRÉDITO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: Estudo de caso
sobre a implantação do programa A União Faz a Vida em uma Cooperativa de
Crédito de Livre Admissão de Associados.**

**Autora: Danielle Alves de Souza
Orientador: Prof. Adilson Leite Lira**

JUÍNA/2012

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

**COOPERATIVA DE CRÉDITO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: Estudo de caso
sobre a implantação do programa A União Faz a Vida em uma Cooperativa de
Crédito de Livre Admissão de Associados.**

**Autora: Danielle Alves de Souza
Orientador: Prof. Adilson Leite Lira**

“Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Administração, da Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração”.

JUÍNA/2012

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Margareth Araújo e Silva

Profa. Esp. Katia Freitag

ORIENTADOR: Prof. Adilson Leite Lira

Dedico ao meu bondoso Deus e a meu querido pai Valmir Souza Lima, e todos aqueles que me apoiaram na conclusão desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por toda honra e toda glória, por ter proporcionado muita paciência, força, saúde e discernimento para poder concluir essa jornada tão difícil.

Agradeço a minha querida mãe Terezinha que deu força no começo desse curso me dando todo carinho e apoio para que enfrentasse os desafios, e que hoje não está presente para ver mais um sonho sendo realizado.

Ao meu pai Valmir que esteve todos esses anos do meu lado, que com muito amor e atenção, me proporcionou humildade e simplicidade para vencer os objetivos a serem conquistados.

Ao meu irmão Douglas que esteve presente nas horas que mais precisava.

Ao meu namorado Will que com toda paciência, e generosidade me deu forças para continuar, apoiando-me em todos os momentos.

Aos meus queridos colegas que me ajudaram esses quatro anos de muita luta, tirando dúvidas e tendo paciência comigo em sala.

Em especial aos meus amigos Rafaela, Francieli e Márcio que sempre me apoiaram e estiveram do meu lado, nas horas de alegria e nas horas de tensão.

Ao meu orientador Adilson Leite Lira que esclareceu todas as minhas dúvidas e contribuiu com mais conhecimento.

Obrigada a todos.

“O senhor é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigerera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias”. Salmo 23.

RESUMO

Uma organização cooperativa dentro dos seus princípios e valores se posiciona de forma responsável e social na sociedade. Apresentar o cooperativismo e ressaltar sua importância na comunidade pode trazer retornos positivos para qualidade de vida das pessoas. Visando cumprir seu papel e assumindo suas obrigações e atendendo as expectativas de seus membros e de toda sociedade. Esta pesquisa tem o principal objetivo analisar a importância de uma cooperativa de crédito ao implantar um programa de responsabilidade social, como o programa A União Faz a Vida. Quanto à concepção da pesquisa pode ser considerada exploratória e de natureza qualitativa. Os dados apresentados foram coletados através de questionários, aplicados de forma aleatória para os assessores pedagógicos e professores que tem parceria com o programa A União Faz a Vida. O resultado demonstrou que existe viabilidade de crescimento e participação do programa na sociedade e vem obtendo ótimos resultados. A parceria com o Sicredi faz com que os retornos sejam ainda maiores e quase que imediatos, tanto para as empresas, quanto para a comunidade. A responsabilidade social em seu contexto geral impõe para a organização uma postura administrativa consciente de seu papel na sociedade envolvendo todos os integrantes. Mediante isto, conclui-se que o programa contribui com toda a comunidade escolar e familiar, especialmente para a formação de crianças e adolescentes. Compreendendo que educar integralmente é formar uma pessoa globalmente, tornando-a apta a participar do mundo em que vive, de modo a realizar e expandir suas necessidades e potencialidades.

Palavras-chave: Cooperativismo, Responsabilidade Social, Educação Cooperativa.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Iniciativa Sicredi x Compromisso Social	56
Gráfico 2 - Atuação Sicredi x Desenvolvimento Social.....	57
Gráfico 3 - Participação e a Contribuição	58
Gráfico 4 - Metodologia do programa.....	59
Gráfico 5 - Desenvolvimento dos profissionais.....	60
Gráfico 6 - Formação dos professores e demais envolvidos.....	61
Gráfico 7 - O Sicredi faz jus ao seu objetivo de ser cooperativa	62
Gráfico 8 - Desempenho do Sicredi no papel social.....	63
Gráfico 9 - Implantação do programa em outras regiões	64
Gráfico 10 - O programa pode auxiliar na aproximação da empresa, escola e comunidade.....	65
Gráfico 11 - Importância da implantação do programa.....	66
Gráfico 12 - Realização do trabalho científico	67

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Princípios do Cooperativismo	24
QUADRO 2 - Diferenças entre as sociedades cooperativas de crédito e os bancos privados.....	30
QUADRO 3 - Inter-relação entre responsabilidade social e estratégia empreendedora.....	37

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Fases do programa A União Faz a Vida	47
FIGURA 2 - Organograma programa A União Faz a Vida	48
FIGURA 3 - Mascote do programa A União Faz a Vida.....	49
FIGURA 4 - Símbolo da rede de cooperação.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS

BACEN	Banco Central do Brasil
OCB	Organização das Cooperativas Brasileiras
RS	Responsabilidade Social
SFN	Sistema Financeiro Nacional
Sicredi	Sistema de Crédito Cooperativo
UFV	União Faz a Vida

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	16
1.2 OBJETIVOS	16
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	16
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	17
1.4 JUSTIFICATIVA.....	17
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 COOPERATIVISMO	20
2.1.1 CONCEITO DE COOPERATIVISMO	20
2.1.2 VALORES DO COOPERATIVISMO	22
2.1.3 PRINCÍPIOS UNIVERSAIS DO COOPERATIVISMO	22
2.1.4 COOPERATIVISMO E SUA HISTÓRIA.....	25
2.1.5 COOPERATIVISMO NO BRASIL.....	26
2.1.6 COOPERATIVISMO DE CRÉDITO	27
2.2 RESPONSABILIDADE SOCIAL	31
2.2.1 O CONCEITO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	31
2.2.2 DEFINIÇÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	33
2.2.3 RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA.....	35
2.2.4 ESTRATÉGIAS EMPRESARIAIS QUE CONTRIBUEM PARA A PRÁTICA DA RESPONSABILIDADE SOCIAL	36
2.2.5 PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA	39
2.2.6 PROGRAMA A <i>UNIÃO FAZ A VIDA</i> E SUA HISTÓRIA.....	39
2.2.7 OBJETIVOS DO PROGRAMA A <i>UNIÃO FAZ A VIDA</i>	42

2.2.8 FASES DO PROGRAMA.....	43
2.2.9 AGENTES DO PROGRAMA	48
2.2.10 EDUCAÇÃO COOPERATIVA.....	51
3 METODOLOGIA.....	52
3.1 CONCEITO DE PESQUISA	54
3.2 COLETA DE DADOS.....	54
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	55
4 ANALISE DOS RESULTADOS.....	56
4.1 PERGUNTAS RESPONDIDAS PELOS ASSESSORES E PROFESSORES.....	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
5.1 SUGESTÃO PARA TRABALHOS FUTUROS	70
REFERÊNCIA	71
APÊNDICE	74

1 INTRODUÇÃO

Na atual sociedade globalizada, as organizações estão dispostas a cumprir seu papel na comunidade de forma responsável e social, especialmente nos dias de hoje em que os desafios de qualidade e de competência no mercado são cada vez maiores. Desse modo a criação e assimilação da tecnologia se tornaram essenciais para a vida útil das organizações. Mais do que nunca, as cooperativas devem se ocupar com atividades que visem atender associados e a sociedade na educação, formação e capacitação de futuros empreendedores. Com isso o objetivo de desenvolver um ambiente cooperativo que possa trazer benefícios e melhores opções para a qualidade de vida da sociedade, desempenhando seu papel de forma responsável e social.

A administração tornou-se um conjunto de conhecimentos e teorias para o mundo atualizado percebendo que a gestão socialmente responsável é a melhor forma de organizar, planejar, dirigir e coordenar. Organizações começaram implantar programas que fazem a diferença no meio em que vivem, podendo assim oferecer meios mais produtivos para a gestão empresarial e toda sociedade.

Podemos definir como atos humanos, qualquer organização, independentemente de tamanho, setor, atividade ou lugar, tem liberdade para se instalar (viver), se desenvolver e prosperar. Porém tem em contrapartida a obrigação de atuar como co-responsável pelo desenvolvimento e bem-estar dos agentes do seu entorno. (KARKOTLI E ARAGÃO, 2010, p. 46).

Na busca de melhorias organizacionais as cooperativas de créditos buscam dar aos associados e a comunidade um retorno maior do que simplesmente prestação de serviços, como venda de crédito, produtos ou serviços de características financeiras, trazendo retornos futuros para a comunidade e para a própria cooperativa.

Na medida em que a realidade está demandando um forte movimento no sentido de tornar as organizações agentes no desenvolvimento da cidadania, com o objetivo de exercer assim a chamada responsabilidade social. O Sicredi, como pioneiro no seu segmento de mercado, não poderia deixar de acompanhar esta tendência. Tornou-se imperativo, então, colocar em prática um projeto que

contribuísse para o desenvolvimento humano e a qualificação integral dos indivíduos.

Dessa forma o Sicredi, Implantou o programa A União Faz a Vida, sendo um programa de educação cooperativa, que tem como desafio e objetivo principal a formação de cidadãos ensinando-os a empreender e construir coletivamente.

Segundo Fundação Sicredi (2008, p. 7), “seu objetivo é construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional”.

O programa contribui com a educação integral de crianças e adolescentes, compreendendo que educar integralmente é formar uma pessoa globalmente, tornando-a apta a participar do mundo em que vive, de modo a realizar e expandir suas necessidades e potencialidades. Essa perspectiva de educar integralmente compreende os sujeitos em suas múltiplas características: física, emocional, psicológica, intelectual, cultural e espiritual.

Através do programa de educação cooperativa A União Faz a Vida, as cooperativas de crédito integrantes do Sicredi reafirmam sua crença de que a construção e vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania: podem contribuir para a formação de cidadãos capazes de empreender e criar coletivamente, alternativas de desenvolvimento econômico, sócio-ambiental e cultural. (Fundação Sicredi, 2008, p. 6).

O cooperativismo com seus valores e princípios se identificou com a Gestão Administrativa Socialmente Responsável, para buscar resultados que fazem a diferença na sociedade. O programa A União Faz a Vida tem como valores básicos o diálogo, o respeito à diversidade, o senso de justiça, a solidariedade e o empreendedorismo.

A presente pesquisa busca apresentar o cooperativismo como doutrina de integração, mostrando a realidade de conciliar o econômico com o social, com objetivo de analisar o programa A União Faz a Vida, na gestão administrativa e na sociedade.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Atualmente, o que se vê são empresas buscando um diferencial no mercado e muitas delas acreditam que a responsabilidade social, como prática de gestão administrativa tornou-se um modelo a ser seguido, um método inovador de administrar. Deixando de ser uma prática de assistencialismo e passando a ser uma relação responsável de negociações empresariais. Os resultados alcançados por tais ações geram efeitos positivos que são percebidos pela sociedade e por todos que fazem parte da rede de relacionamento da empresa.

Segundo Lakatos (2006, p. 140), “o problema, assim, consiste em enunciado explicitado de forma clara, compreensível e operacional, cujo melhor modo de solução ou é uma pesquisa ou pode ser resolvido por meio de processos científicos”.

Diante do exposto este projeto de pesquisa se propõe analisar:

Qual a importância para uma cooperativa de crédito implantar um programa de responsabilidade social, como o programa A União Faz a Vida?

1.2 OBJETIVOS

Afirma Cervo e Bervian (2002, p. 83), que através do objetivo geral “procura-se determinar com clareza e objetividade, o propósito do estudante com a realização da pesquisa”.

1.2.1 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem como objetivo, mensurar a importância da implantação de um programa de responsabilidade social em uma cooperativa de crédito, visando demonstrar os benefícios que esta pode oferecer à sociedade bem como para a instituição.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Pretende ainda com os objetivos específicos:

- Apresentar o programa A União Faz a Vida;
- Identificar os principais benefícios que o programa A União Faz a Vida pode trazer para o Sicredi e para a comunidade;
- Analisar a perspectiva das pessoas envolvidas com o programa, A União Faz a Vida.

1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como foco a responsabilidade social na Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Sicredi Univales. Um estudo sobre a implantação do programa A União Faz a Vida, um programa de educação cooperativa que tem por desafio a formação de cidadãos na forma de empreender e construir coletivamente.

Todo o material utilizado para o estudo foi baseado em pesquisas (livros, internet, revistas e artigos).

1.4 JUSTIFICATIVA

Este trabalho tem por objetivo apresentar a real importância de uma cooperativa desenvolver programas de ações de responsabilidade social, e também através deste estudo sobre o programa A União Faz a Vida, mostrar sua relevância na gestão administrativa da Cooperativa de Crédito Sicredi Univales. O propósito do trabalho é demonstrar que o Ato Cooperativo¹ é um dos principais fatores que influencia na sociedade e que o programa visa melhorar esta ação através da educação.

¹ É a ação em que um momento, quer de entrada quer de saída do produto, há a presença do agente chamado cooperado, associado ou sócio da cooperativa. É a fusão do trabalho conjunto sócio X empresa na busca da satisfação das necessidades mútuas. Benato (1999, p. 114).

Para o programa entrar em funcionamento através do Sicredi os associados aprovaram em Assembléia Ordinária, a implantação e o desenvolvimento do programa A União Faz a Vida, que opta pelos investimentos em educação na busca da conscientização de responsabilidade social.

O programa A União Faz a Vida atende hoje aproximadamente 3.800 crianças e adolescentes no município de Juína, sendo este considerado um projeto piloto em nível da Cooperativa. Atualmente o programa envolve 11 escolas e 8 Centros de Educação Infantil, investindo na formação contínua de 150 professores sendo estes qualificados e acompanhados por assessores pedagógicos especializados, tendo como objetivo o desenvolvimento da Cooperação e cidadania na comunidade escolar.

Cientes de que a educação é um fator essencial e primordial na vida de seus associados, o programa objetiva pôr em prática o ideal cooperativista e o mutualismo, e a melhor forma encontrada para a implantação de tais objetivos foi ensinando crianças e adolescentes sobre o valor e a importância de cooperar e empreender.

O programa tem como alvo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental das comunidades onde o Sicredi está presente. Aprimorando também sua relação com a população, ampliando a divulgação dos princípios cooperativistas e construindo de forma sólida e abrangente um novo conceito de cidadania e através, deste, propiciar melhor qualidade de vida as pessoas.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo eles:

Capítulo 1: Desenvolve-se os seguintes tópicos: Introdução, problema da pesquisa, objetivo geral e específico, delimitação do tema, justificativa e estrutura do trabalho.

Capítulo 2: Aborda-se os tópicos do Referencial Teórico, onde será tratado com embasamento em referências teóricas sobre o tema do Cooperativismo, Responsabilidade Social, programa A União Faz a Vida e Educação Cooperativa.

Capítulo 3: Apresenta-se a Metodologia da pesquisa que discrimina passo a passo os processos da aplicação do estudo de caso.

Capítulo 4: Aborda-se a análise dos dados obtidos a partir do questionário aplicado aos professores e assessores pedagógicos, onde demonstrados por meio das respostas obtidas.

Capítulo 5: Encontra-se as Considerações Finais deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 COOPERATIVISMO

2.1.1 CONCEITO DE COOPERATIVISMO

É importante e necessário explicar a importância do cooperativismo e sua existência, origem e contextualização histórica no Brasil e no mundo, para melhor entendimento do leitor. O objetivo maior é o conhecimento e a evolução do estudo cooperativista, dando-lhes a oportunidade de se tornarem pessoas empreendedoras. Visando atender de forma mútua aqueles que possuam necessidades idênticas e os mesmos interesses, tratando-os com igualdade de deveres e direitos para execução de atividades, operações ou serviços em comum.

O termo cooperativismo é derivado do verbo cooperar, ou seja, desenvolver ações ou um determinado trabalho com outros indivíduos com o propósito de atingir uma finalidade comum, em busca de objetivos e realizações que atendam a necessidades de todos. Nessa perspectiva, compreende-se que cooperar significa compartilhar as coisas, pressupondo a associação das pessoas, em uma adesão voluntária a um projeto ou objetivo que interesse a todos. (BELATO, 2003, p. 29).

A cooperativa é uma associação de pessoas que se rege por três princípios básicos: propriedade cooperativa, gestão cooperativa e repartição cooperativa. A propriedade cooperativa significa que os usuários da cooperativa, e não os detentores do capital são seus proprietários, a gestão cooperativa implica que o poder decisório se concentra nas mãos dos associados. A repartição cooperativa significa que a distribuição dos excedentes (ou das sobras) da cooperativa (as sobras líquidas) é feita, proporcionalmente, à participação dos associados nas operações da mesma. (FIASLKOW, 2002, p. 24).

No conceito de Gawlak, (2004, p. 9), “cooperativismo origina-se da palavra cooperação que significa (sic) agir de forma coletiva”.

Hartung (1996, p. 6), define que o cooperativismo de tal forma, é uma doutrina, um sistema, um movimento ou simplesmente uma atitude ou disposição

que considera as cooperativas como uma forma ideal de organização das atividades sócio-econômicas (sic) da humanidade.

O cooperativismo está situado na linha de dever ser, capaz de conduzir a uma sociedade e a um sistema econômico alternativo, mais solidário, justo, autônomo, democrático e participativo. Os valores, princípios e normas que o cooperativismo propõe representam um paradigma que auxiliam a orientar a ação dos cooperadores, no seu desempenho em prol da realização dos objetivos da cooperação. (BELATO, 2003, p. 34).

Segundo Gawlak (2004, p. 9), cooperativa é uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns a todos. Busca desenvolver a capacidade intelectual das pessoas de forma criativa, inteligente, justa harmônica, visando a sua melhoria contínua.

Ricciardi (1996, p. 21), complementa que: “unindo-se a outras pessoas que possuem os mesmos interesses ele passa a perceber a força da união que auxilia no processo de conhecimento e confiança mútua e por sua vez fortalece o sentimento de autoajuda, ajuda mútua que é à base do cooperativismo”.

Cooperativismo é um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico capaz de unir desenvolvimento e bem-estar social. Seus referenciais fundamentais são: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia. (OCB, 2012).

Na concepção de Irion (1997, p. 35), “o cooperativismo é instrumento eficaz para a organização da população, a democracia dos investimentos, a distribuição da renda, a regularização do mercado, a geração de empregos e assim instrumentaliza a justiça social”.

De forma geral, cooperativismo é o conjunto de pessoas que buscam atingir um mesmo objetivo em comum, utilizado para a ajuda mútua, em que une as pessoas e tende a fazê-las valorizar a busca do benefício em comum a todos.

2.1.2 VALORES DO COOPERATIVISMO

São os valores e os princípios cooperativistas que moldam e dão segurança ao modelo de gestão do cooperativismo, e aos seus associados, pois são eles quem norteiam os ideais, os rumos e os horizontes da cooperativa. Desta forma o ideal seria que as cooperativas primassem pela disseminação de tais princípios e valores e ainda não deixassem os seus cooperados se esquecerem de tais conceitos, haja vista, que são fundamentais para o desenvolvimento das cooperativas e para seu contínuo crescimento.

No conceito de Irion (1997, p. 47), “o valor dá origem e precede o princípio; este deriva daquele. Portanto os valores ocupam posição superior na hierarquia da doutrina cooperativista. Pode-se dizer que os princípios interpretam os valores e fazem a ponte entre a teoria e a prática cooperativista”.

As cooperativas baseiam-se em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Na tradição dos seus fundadores, os membros das cooperativas acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação pelo seu semelhante. (HARTUNG, 1996, p. 7).

2.1.3 PRINCÍPIOS UNIVERSAIS DO COOPERATIVISMO

Por ser o cooperativismo um sistema capaz de refletir no desenvolvimento da sociedade, ele possui normas e regras, bem como os princípios cooperativos capazes de orientar e impor limites à administração das cooperativas. É através da cooperação e do mutualismo que a cooperativa faz a sua parte social perante a comunidade onde esta inserida. Portanto é válido ressaltar que os princípios que mais estarão envolvidos no decorrer deste trabalho serão: educação, formação, informação e interesse pela comunidade.

No conceito Hartung (1996, p. 13);

Preocupados com a progressão de sua idéia, embora já existissem sociedades similares (modelo cooperativista) na própria Inglaterra e na Escócia, aperfeiçoaram um sistema de reuniões denominado “sala de Temperança”. “Através dele, desenvolveram um conjunto de princípios,

conhecidos mais tarde como Princípio Básico do Cooperativismo”, adotados posteriormente por cooperativas surgidas em diversos países do mundo. (HARTUNG, 1996, p. 13).

Para nortear a administração e o bom desenvolvimento do cooperativismo existe um conjunto de regras formadas por sete princípios, do cooperativismo, estes são as linhas orientadoras por meio das quais as cooperativas levam os seus valores à prática. (OCB, 2012).

- Adesão voluntária e livre;
- Gestão democrática;
- Participação econômica dos membros;
- Autonomia e independência;
- Educação formação e informação;
- Intercooperação;
- Interesse pela comunidade.

O Quadro 1 a seguir refere-se aos Princípios do cooperativismo.

QUADRO 1 - Princípios do Cooperativismo

1º	Adesão livre e voluntaria	As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a usar seus serviços e dispostas a aceitar as responsabilidades de sócios, sem discriminação de classe social, racial, política, religiosa e sexual (de gênero).
2º	Gestão democrática e livre	As cooperativas são organizações democráticas controladas por seus sócios, os quais devem participar ativamente no estabelecimento de suas políticas e na tomada de decisões. Homens e mulheres, quando eleitos como representantes, são responsáveis para com os sócios. Nas cooperativas singulares, os sócios devem ter igualdade na votação (um sócio um voto); as cooperativas de outros graus, formadas pela associação de mais uma cooperativa, devem ser também organizadas de maneira democrática.
3º	Participação econômica dos sócios	Os sócios devem contribuir de forma igualitária e controlar democraticamente o capital das cooperativas. Parte desse capital é propriedade comum da cooperativa. Usualmente, os sócios recebem juros limitados (se houver algum) sobre o capital, como condição de sociedade, destinado as sobras aos seguintes propósitos: desenvolvimento das cooperativas, possibilitando a formação de reservas, parte dessas podendo ser indivisíveis: retorno aos sócios na proporção de suas transações com as cooperativas; apoio a quaisquer outras atividades que forem aprovadas coletivamente pelos sócios.
4º	Autonomia e independência	As cooperativa são organizações autônomas, para ajuda mútua, controladas por seus membros. Em acordo operacional com outras entidades, inclusive governamentais, ou recebendo capital de origem externa, elas devem fazê-lo em termos que preservem o controle democrático pelos sócios e mantenham sua autonomia.
5º	Educação, formação e informação.	As cooperativas devem buscar mecanismos para proporcionar educação e treinamento aos seus sócios, dirigentes eleitos, administradores e funcionários, de modo a contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento. Estes, por sua vez, deverão informar ao público em geral, particularmente aos jovens e aos formadores de opinião, sobre a natureza e os benefícios da cooperação.
6º	Intercooperação	As cooperativas, além de atender mais efetivamente aos interesses comuns de seus sócios, devem procurar fortalecer o movimento cooperativista, trabalhando juntas, através de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais.
7º	Interesse pela comunidade	As cooperativas devem trabalhar para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades através de políticas aprovadas por seus associados.

Fonte: Disponível em: http://www.cooperativismopopular.ufrj.br/princ_basico.Php. Acessado em 29-02-2012.

2.1.4 COOPERATIVISMO E SUA HISTÓRIA

O ideal do cooperativismo sempre foi à ajuda mútua e a cooperação, em que se estende até os dias atuais servindo de exemplo para aqueles que estão dispostos a seguir esse ramo.

Sobre o cooperativismo, Prado (2004, p. 40) conceitua e afirma:

O marco principal do cooperativismo deu-se em 1771, com Robert Owen, “com quem o sentido de cooperação toma um rumo mais consciente. Robert Owen é considerado o pai da moderna concepção de cooperação, e o pai da cooperação na Inglaterra”. Foi com Robert Owen que o termo cooperação passou a ser utilizado, e foi ele quem lançou as bases para a constituição da cooperativa de Rochdale. (PRADO, 2004, p. 40).

Em 21 de dezembro de 1844, no bairro de Rochdale, em Manchester (Inglaterra), surge a primeira cooperativa de trabalhadores industriais; 27 tecelões e uma tecelã fundaram a “Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale” com o resultado da economia mensal de uma libra de cada participante durante um ano. Naquele momento estariam mudando os padrões econômicos da época e dando origem ao movimento cooperativista, a sociedade começou a crescer, integrar mais cooperantes, disseminando a idéia, esta proposta democrática, promovendo uma nova mentalidade de pensar no trabalho e no desenvolvimento social. (PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, 2012).

Desde então, tanto no Brasil quanto no mundo, as cooperativas se tornaram um importante segmento da economia, tendo destaque tanto em países altamente desenvolvidos, como os EUA, Inglaterra e Holanda, como em outros em fase de desenvolvimento. Atualmente, existem milhares de sociedades cooperativas espalhadas pelo mundo, atuando nos mais diversos ramos, tais como produção, serviços, consumo, crédito e outros, movimentando uma parcela significativa da economia mundial. (PRADO, 2004, p. 41).

2.1.5 COOPERATIVISMO NO BRASIL

O cooperativismo no Brasil, nos dias atuais, é visto como um sistema forte e um importante segmento da economia brasileira, tendo como um de seus objetivos se tornar cada vez mais conhecido e compreendido como um sistema integrado.

Com a propagação da doutrina cooperativista, as cooperativas tiveram sua expansão num modelo autônomo, voltado para suprir as necessidades dos próprios membros e assim se livrarem da dependência dos especuladores.

A ideia do cooperativismo espalhou-se rapidamente pelo mundo inteiro. De acordo com Renato Lopes Becho (apud PRADO, 2004, p.40-41), a primeira cooperativa brasileira foi a “Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, cujos estatutos são datados de 27.10.1889. A mais antiga cooperativa em funcionamento ininterrupto é a centenária caixa rural Raiffeisen de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, de 1902”.

Segundo os dados da OCB (2012) no Brasil, a cultura da cooperação é observada desde a época da colonização portuguesa. Esse processo emergiu no Movimento Cooperativista Brasileiro surgido no final do século 19, estimulado por funcionários públicos, militares, profissionais liberais e operários, para atender às suas necessidades.

Ainda dados extraídos da OCB (2012), em 1902, surgiram às cooperativas de crédito no Rio Grande do Sul, por iniciativa do padre suíço Theodor Amstadt. A partir de 1906, nasceram e se desenvolveram as cooperativas no meio rural, idealizadas por produtores agropecuários. Muitos deles de origem alemã e italiana. Os imigrantes trouxeram de seus países de origem a bagagem cultural, o trabalho associativo e a experiência de atividades familiares comunitárias, que os motivaram a organizar-se em cooperativas.

Em 2 de dezembro de 1969 foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e no ano seguinte, a entidade foi registrada em cartório. Nascia formalmente aquela que é a única representante e defensora dos interesses do cooperativismo nacional. Sociedade civil e sem fins lucrativos, com neutralidade política e religiosa. (OCB, 2012).

2.1.6 COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

Dentre os ramos de cooperativismo, cooperativa de crédito é hoje umas das mais importantes, sendo ela uma sociedade de pessoas destinada a proporcionar assistência financeira a seus associados. Tendo a finalidade de atender às necessidades humanas, sendo uma associação de pessoas e também uma empresa econômica, estando ela inserida no mercado financeiro tem por objetivo a intermediação financeira.

De acordo com a lei 5.764/71 em seu artigo 5º, “as cooperativas poderão adotar como objeto qualquer gênero de serviço, operação ou atividade; apenas respeitando limitações legais contra atividades ilícitas”. (SANTOS, GOUVEIA E VIEIRA, 2008, p. 29).

Toda via para OCB, “organização das Cooperativas Brasileiras entidade responsável pela representação das cooperativas no Brasil reconhece que existem apenas 13 ramos de sociedades cooperativas”, os quais são apresentados em, (SANTOS, GOUVEIA E VIEIRA 2008, p. 29), cujos quais são:

Ramo Agropecuário, Ramo Consumo, Ramo Crédito, Ramo educacional, Ramo especial, Ramo habitacional, Ramo Infra Estrutura, Ramo Mineral, Ramo produção, Ramo Saúde, Ramo trabalho, Ramo Transporte e Ramo Turismo e Lazer [...] observa-se que alguns ramos têm objetivos parecidos, isso por que alguns ramos foram criados, ou melhor, separados do seu ramo original devido ao destaque que conseguiram dentro do movimento cooperativista. (SANTOS GOUVEIA; VIEIRA 2008, p. 29- 30 e 31).

Santos, Gouveia e Vieira (2008, p. 31) relatam que, “caso alguma cooperativa apresente mais de um objeto de atividade, ela será considerada mista” neste âmbito existe muito que ser visto em relação a cada ramo do cooperativismo, todavia conforme delimitação do trabalho, aqui será apresentado apenas o cooperativismo de crédito.

Segundo Ricciardi (1996, p. 16), “as primeiras cooperativas de crédito surgiram na Alemanha em meados do século XIX. Seus principais criadores foram Hermann Schulze e Frederico Guilherme Raiffeisen”.

Benato (1999, p. 22) afirma que, “o cooperativismo hoje, deve ser considerado um sistema que funciona em coexistência, com o setor público e o setor privado. Os três, em conjunto, formam a economia nacional”.

O Portal do cooperativismo (2012), disponibiliza a seguinte definição a respeito do cooperativismo de crédito. Trata-se de “uma associação de pessoas, que buscam através da ajuda mútua, sem fins lucrativos, uma melhor administração de seus recursos financeiros”.

De acordo com Benato (1999, p. 28), “a doutrina cooperativista, no seu ideário maior, visa corrigir o meio econômico-social pela promoção de um sistema não lucrativo de produção e de distribuição, baseado no conjunto interativo de compras e de vendas em comum”.

As cooperativas de Crédito, assim como as sociedades cooperativas de um modo geral, são instituições financeiras, sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, sem fins lucrativos e não sujeitas à falência, constituídas com o intuito de propiciar créditos e prestar serviços a seus associados. (MANUAL DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO, 2003, p. 10).

Podendo ainda as cooperativas de Crédito, prestar os mesmos serviços fornecidos pelos bancos como o financiamento da produção e do investimento, cobrança de contas, fornecimento de talão de cheques e colocar a disposição de seus associados, aplicações financeiras, e principalmente atuar no mercado financeiro como agentes de intermediação financeira².

As Cooperativas de Crédito são constituídas sob a forma de sociedade autônoma, congregando microempreendedores que se unem para acessar crédito e serviços financeiros em condições mais vantajosas que aquelas normalmente oferecidas pelos bancos públicos e privados. (MANUAL DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO, 2003, p. 11).

² Intermediação financeira - é o processo pelo qual tomadores e doadores de recursos encontram-se em um ambiente organizado, fiscalizado e controlado por vários órgãos, visando o perfeito funcionamento desta importante missão do Sistema Financeiro Nacional. “SFN”. (ANBIMA, 2010).

Ainda no manual das Cooperativas de Crédito (2003, p. 24):

As Cooperativas de Crédito são instituições financeiras, sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, sem fins lucrativos e não sujeitas à falência, constituídas com o objetivo de propiciar crédito e prestar serviços aos seus associados. (MANUAL DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO, 2003, p. 24).

Hoje o sistema Cooperativo de Crédito busca trabalhar com a conscientização de seus associados e demais membros da comunidade para que possam entender melhor o que é cooperativa e qual sua forma de funcionamento.

É importante ressaltar que as cooperativas de crédito também são instituições financeiras integrantes do SFN – Sistema Financeiro Nacional e por isso são conseqüentemente, fiscalizadas pelo BACEN – Banco Central do Brasil, o que leva as pessoas de um modo geral a chamá-las de Bancos. No entanto assegura aos seus associados e aos usuários de seus serviços que estas prestem serviços seguros e de qualidade, já que elas a exemplos dos bancos também estão sujeitas a penalizações e sanções perante a referida instituição.

No entanto é importante e necessário ressaltar aqui a diferença entre o cooperativismo de crédito e os Bancos comerciais.

Analisando o QUADRO 2 apresentado a seguir, podemos identificar e melhor entender as características variáveis, as quais discernem os bancos privados das cooperativas de créditos.

QUADRO 2 - Diferenças entre as sociedades cooperativas de crédito e os bancos privados.

1. Banco Privado	2. Cooperativas de Credito
a) São sociedades de capital	a) São sociedades de pessoas
b) O poder é exercido na proporção do número de ações;	b) O voto tem peso igual para todos (uma pessoa, um voto)
c) As deliberações são concentradas;	c) As decisões são partilhadas em muitos;
d) O administrador é um 3º (homem do mercado);	d) O administrador é do meio (cooperativo);
e) O usuário das operações é um mero cliente;	e) O usuário é o próprio dono (cooperativado);
f) O usuário não exerce qualquer influência na definição do preço dos produtos;	f) Toda a política operacional é decidida pelos próprios usuários (associados);
g) Podem tratar distintamente cada usuário;	g) Não podem distinguir: o que vale para um, vale para todos (art. 37 da Lei nº. 5.764/71);
h) Atendem em massa, priorizando-a demais o auto-serviço;	h) O preço das operações e dos serviços visa a cobertura de custos (taxa de administração);
i) Preferem o grande poupador e as maiores corporações;	i) Não discriminam, voltando-se mais para os menos abastados;
j) Priorizam os grandes centros;	j) Não restringem, tendo forte atuação nas comunidades mais remotas;
l) Tem propósitos mercantilistas;	l) A mercancia não é cogitada (art. 79, parágrafo único, da Lei nº. 5.764/71);
m) Não têm vínculo com a comunidade e o público-alvo;	m) O relacionamento é personalizado/individual, com apoio da informática;
n) Avançam pela competição;	n) Desenvolvem-se pela cooperação;
o) Visam o lucro por excelência;	o) O lucro esta fora dos seus objetivos (art. 3º da Lei nº 5.764/71);
p) O resultado é de poucos donos (nada é dividido com os clientes);	p) São reguladas pelas Leis Cooperativistas;
q) No plano societário são regulados pela Lei das sociedades anônimas.	q) O excedente (sobras) é distribuído entre todos (usuários), na proporção das operações individuais, reduzindo ainda mais o preço final pago pelos cooperativados.

Fonte: Krueger (2004, p. 145).

Para Irion (1997, p. 90), “a intenção das cooperativas não é o lucro; elas são entidades sem fins lucrativos”. As cooperativas de crédito visam agregar renda a sociedade, atender a demanda da população de baixa renda que não tem acesso ao crédito nos bancos comerciais.

Modernamente não se concebe cooperativas sem uma terceira função relacionada à sociedade onde se inserem, elas criam na comunidade novas oportunidades de trabalho, geram empregos, fomentam a educação e atuam como agentes reguladores e modeladores do mercado, controlando preços e qualidade dos produtos e serviços. Assim existem outros resultados além daqueles destinados aos sócios porque as cooperativas ajudam a elevar o padrão de vida da sociedade como um todo. (IRION, 1997, p. 91).

2.2 RESPONSABILIDADE SOCIAL

2.2.1 O CONCEITO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Responsabilidade social é um conjunto de ações desenvolvidas para melhor atender as necessidades da sociedade, visando trazer retornos positivos para a organização. Buscando assim alternativas que podem garantir a sobrevivência das organizações, podendo oferecer resultados melhores para a sociedade.

Segundo Tinoco (2008, p. 116), “a responsabilidade pública das organizações, neste novo milênio que se inicia, deverá atender aos anseios da comunidade, que clama por programas e ações conscientes, e que modifiquem o quadro de exclusão social que existe no Brasil”.

Tinoco (2008, p. 115) ainda afirma que a:

[...] responsabilidade social corporativa, ou cidadania empresarial, como também é chamada, enfatiza o impacto das atividades das empresas para os agentes com os quais interagem (stakeholders): empregados, fornecedores, clientes, consumidores, colaboradores, investidores, competidores, governos e comunidades. (TINOCO 2008, p. 115).

A partir dessa idéia é possível compreender que a organização é também um agente de transformação social, em sentido de que influencia e sofre influências dos atores da sociedade. (KARKOTLI E ARAGÃO, 2004, p. 46).

Já para Melo e Froes (1999, p. 95):

Tudo começa com o surgimento de um clima de maior simpatia para a imagem da empresa. De repente, a empresa deixa de ser vilã responsável pela prática de preços abusivos, demissões, e fonte geradora de lucros exorbitantes e, em muitos casos, a responsável pela depreciação da natureza. Torna-se uma empresa-cidadã, que se traduz numa imagem corporativa de consciência social comprometida com a busca de soluções para os graves problemas sociais que assolam a comunidade. Muda sua imagem, fruto do seu novo posicionamento de empresa-cidadã. (MELO E FROES, 1999, p. 95).

Ao atingir os resultados dos projetos sociais por ela financiados, a empresa torna-se mais conhecida e vende melhor os seus produtos e serviços, sobretudo sua marca ganha maior visibilidade, valor de mercado, aceitação e potencialidade. Clientes tornam-se orgulhosos de comprar produtos e/ou contratar serviços de uma empresa com elevada responsabilidade social. Fornecedores sentem-se motivados em trabalhar como parceiros de uma empresa desta natureza, esta é a perspectiva que Melo e Froes (1999, p. 95-96), quando afirmam que o governo e a sociedade civil tornam-se parceiros desta empresa em seus empreendimentos sociais. Os concorrentes reconhecem o ganho de valor desta empresa. [...] os seus funcionários orgulham-se e sentem-se motivados em trabalhar nesta empresa. E, como resultado final, as vendas crescem, a empresa fortalece sua imagem, ganha respeito e confiabilidade e assegura a sua autopreservação.

Kroetz (2000, p. 57) complementa que:

O consumidor, enquanto cidadão quer saber se a produção não foi obtida à custa da impureza do ar, da poluição dos rios, da morte de animais, dos desmatamentos, da dignidade de seus habitantes, entre tanto outro mal provocado pela ganância do homem, nem sempre "racional". (KROETZ 2000, p. 57).

Contudo, apoiar o desenvolvimento da comunidade e preservar o meio ambiente não são suficientes para atribuir a uma empresa a condição de socialmente responsável. É necessário investir no bem - estar dos seus funcionários

e dependentes e em um ambiente de trabalho saudável, além de promover comunicações transparentes, dar retorno aos acionistas, assegurar sinergia com seus parceiros e garantir a satisfação dos seus clientes e/ou consumidores. (MELO E FROES 1999, p. 78).

Sobre a responsabilidade social, relata Cruvinel (2008, p. 39):

Observa-se que nesta discussão predomina a linha que explica o movimento como algo intrinsecamente positivo para as organizações e para a sociedade, apontando as motivações e os benefícios auferidos com sua adoção e aprofundando-se na operacionalização do conceito. A literatura tem exaltado a Responsabilidade Social empresarial como um bom caminho para as organizações modernas e também a resolução de problemas sociais. (CRUVINEL, 2008, p. 39).

A responsabilidade social constitui na realidade uma ferramenta que visa melhorar a gestão empresarial através de uma mudança cultural que a oriente rumo a uma maior participação na construção de uma sociedade mais viável e justa.

2.2.2 DEFINIÇÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Nos últimos anos, a Responsabilidade Social foi incluída em muitos programas e ensino de cursos de administração, com a finalidade de melhorar a relação da empresa com a sociedade.

Os valores de uma cultura organizacional orientada à Responsabilidade Social conduziram as empresas a outro enfoque econômico, que seria base de uma nova ordem social onde os seres humanos teriam igualdade de oportunidades de se desenvolverem e na qual a qualidade de vida seria uma condição essencial de sua existência. (DIAS, 2012, p. 96).

No conceito de Ashley (Apud Karkotli, 2007, p. 41), é crescente a utilização de estratégias e processos que melhor traduzam, junto com o lucro, a sensibilidade e sintonia das organizações para as necessidades de seus clientes internos e externos, relativamente a questões de qualidade de produtos ou serviços oferecidos; à proteção e uso adequado de recursos do meio ambiente natural; a relações éticas e justas para com trabalhadores, fornecedores e governos, como indicadores que

retratam a responsabilidade social nas organizações para com a comunidade da qual sofre e exerce influências.

De acordo com Montana e Charnov (1998, p. 32), “responsabilidade é uma abordagem que supõe que as empresas possuem também metas sociais, além de meramente econômicas, devendo deixar recursos econômicos para atingir aquelas metas”.

De acordo com o conceito de Ashley (Apud Karkotli 2007, p. 44);

O compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente de modo amplo. E a alguma comunidade de modo específico, atingindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específica na sociedade e a sua prestação de contas com ela. (KARKOTLI, 2007, p. 44).

Na concepção de Dias (2012, p. 6), “o termo responsabilidade social remete à boa governança da organização, a uma gestão ética e sustentável e ao conjunto dos compromissos voluntários que uma organização assume para administrar seus impactos sociais, ambientais e econômicos que produz na sociedade”.

Uma atuação organizacional com responsabilidade social pressupõe a necessidade e a urgência da participação no desenvolvimento com sustentabilidade, ou seja, se obrigar pelo desenvolvimento nas dimensões econômica, social e do meio ambiente. Sendo ético e responsável na busca de qualidade nas relações que a organização estabelece com todos os seus integrantes que de alguma forma fazem parte da organização. (KARKOTLI E ARAGÃO, 2004, p. 46-48).

Melo e Froes (1999, p. 95) afirmam que, “a responsabilidade social, assumida de forma consistente e inteligente pela empresa, pode contribuir de forma decisiva para a sustentabilidade e o desempenho empresarial”.

Na concepção de Machado (2006, p. 26), “uma empresa socialmente responsável é a que alcança ou supera as expectativas da sociedade”, e na definição de responsabilidade social, Melo e Froes (1999, p. 85) contribuem afirmando que:

A responsabilidade social interna focaliza o público - interno da empresa, seus empregados e dependentes. O seu objetivo é motivá-los para um desempenho ótimo, criar um ambiente agradável de trabalho e contribuir para seu bem estar. Com isso, a empresa ganha a sua dedicação, empenho e lealdade. Os ganhos de produtividade são enormes. (MELO; FROES, 1999 p. 85).

As organizações estão dispostas a modificar o seu ambiente de trabalho para melhor atender as necessidades da sociedade, em visão de atingir os objetivos propostos por elas mesmas. Não sendo um ato de obrigação das organizações hoje em dia, e sim uma função de multiplicar a riqueza da sociedade.

2.2.3 RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA

Na atual sociedade globalizada, onde empresas só querem atingir seus objetivos e metas, existe uma forma onde as organizações estão conduzindo os negócios de modo diferenciado que a torna co-responsável pelo desenvolvimento social. Esta é a perspectiva de Karkotli (2007, p. 44), quando afirma que: “responsabilidade social corporativa é toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, possibilitando que as organizações demonstrem toda sua preocupação por meio de significativos projetos sociais”.

Neste contexto, a expressão responsabilidade social corporativa significa entender e agir em resposta a essa nova demanda da sociedade, que é a de que o valor gerado por uma empresa se reflita em benefícios não somente para seus acionistas. No entanto deve ter impacto positivo para o conjunto dos afetados por suas operações, em particular o meio ambiente e a comunidade (seus próprios funcionários e o restante da sociedade), respeitando sua cultura e agindo de forma ética e transparente. (KARKOTLI; ARAGÃO apud KARKOTLI, 2007, p. 56).

Segundo Dias (2012, p. 89), “a RS contribui para que as empresas reflitam sobre as consequências de suas ações, porque os fatos têm demonstrado que uma gestão não responsável pode levar a um alto custo econômico e comprometer seriamente a imagem e até a sobrevivência da empresa”.

Na concepção de Melo e Froes (1999, p. 84). “A responsabilidade social é vista como um compromisso da empresa com relação à sociedade e à humanidade em geral, baseada na apropriação e uso de recursos que originariamente não lhe pertencem”.

O que antes era puramente econômico, como o nível de vida, está agora fortemente modificado por valores ligados à qualidade de vida para um maior número de indivíduos, a crescente conscientização da sociedade vem modificando, gradualmente, o modelo tradicional de atuação empresarial. Devido a pressões a sociedade tem se manifestado em duas áreas distintas: uma de natureza ecológica para proteção do meio ambiente natural e outra ligada a direitos e proteção do consumidor. (KARKOTLI E ARAGÃO, 2004, p. 45).

A questão da responsabilidade social tem sido tema recorrente no mundo dos negócios, pois empresas ainda veem como uma obrigação, e não como parte do meio onde a mesma está inserida. Havendo uma crescente preocupação por parte das empresas brasileiras compreenderem seu conceito e dimensões, e incorporá-la à sua realidade.

2.2.4 ESTRATÉGIAS EMPRESARIAIS QUE CONTRIBUEM PARA A PRÁTICA DA RESPONSABILIDADE SOCIAL.

Atualmente as empresas buscam estratégias que possam contribuir na prática da responsabilidade social, tais estratégias que visam aumentar o lucro e potencializar o desenvolvimento das empresas. As organizações devem exercer suas responsabilidades em seu interior oferecendo qualidade de vida aos seus colaboradores, e no seu exterior proporcionando melhorias à comunidade.

A empresa deve se preocupar com o desenvolvimento sustentável, com o meio ambiente, em ser ético, com a exclusão social, com o consumo consciente e com uma política social transparente de maneira contínua e planejada. (KARKOTLI, 2007, p. 115).

O QUADRO 3 apresenta um resumo teórico onde se busca demonstrar a interface das variáveis sobre a responsabilidade social com as variáveis da estratégia empreendedora.

QUADRO 3 - Inter-relação entre responsabilidade social e estratégia empreendedora.

Variáveis da responsabilidade social	Responsabilidade social como estratégia empreendedora	Variáveis da estratégia empreendedora
Valorização dos funcionários e comunidade	Desenvolvimento sustentável	Crescimento contínuo de longo prazo
Política ética da empresa.	Ocupar nicho ecológico	Busca de oportunidade de mercado
Comportamento responsável	Modificar as características econômicas de um produto ou mercado	Saltos ousados com execução cautelosa
Compromisso com impactos ambientais	Consumo consciente	Autoridade centralizada no empreendedor
Preocupação com a exclusão social	Eco eficiência	Profundo conhecimento de mercado
Novas tecnologias sustentáveis	Política empresarial social	A capacidade do líder com uma visão empreendedora e linguagem simbólica, com sentimento traduzido para contaminar toda organização
Responsabilidade social no cotidiano da organização		A capacidade da organização realizar mudanças

Fonte: Elaborado por (KARKOTLI, 2004 apud KARKOTLI, 2007, p.116).

A partir desta inter-relação pode se construir a interface entre a responsabilidade social e a estratégia empreendedora na qual permite afirmar teoricamente que toda empresa é empreendedora e sendo uma estratégia que contribui para a prática da responsabilidade social. (KARKOTLI, 2007, p. 116).

De acordo com Machado (2006, p. 14), “no ambiente empresarial, a percepção de que o exercício da responsabilidade social pode trazer retornos à empresa é crescente, embora com pouca comprovação empírica”.

No conceito de Karkotli e Aragão (2004, p. 64):

A consciência mais evoluída e reivindicadora da sociedade indica aos administradores que uma empresa para se manter competitiva necessita primar pela qualidade de seus produtos, pela segurança de seus clientes, eliminar práticas que causem impactos nocivos ao ambiente natural e demonstrar respeito para com a comunidade que lhe acolhe. (KARKOTLI; ARAGÃO, 2004, p. 64).

Os responsáveis pela administração da organização precisam estar ajustados com o ambiente externo e interno da empresa quando no desempenho de suas funções a fim de garantir a sobrevivência da organização. Princípio este considerado que as organizações existem para encontrar a satisfação das necessidades sociais do ambiente organizacional. (PRESTES; BULGACOV, 1999, p. 18).

No conceito de Melo e Froes (1999, p. 84), “investindo em projetos sociais a empresa assume a sua responsabilidade social e oferece algo em troca ao que por ela foi usurpado da sociedade”.

Enfim, a responsabilidade social quando integrada à gestão estratégica de uma empresa afeta de modo geral a todos. Os comportamentos e ações individuais passam a estar ligados a compromissos assumidos com a sociedade, de acordo com seus valores e com o papel que através da realização de determinadas atividades específicas ou envolvendo atividades compensatórias. (DIAS, 2012, p. 111).

Sobre a condução de uma ação social, Melo e Froes (1999, p. 97) relatam:

Uma ação social bem conduzida garante a qualquer empresa posição de destaque na sociedade onde atua [...]. E esta posição de destaque é fator decisivo na autopreservação empresarial. Com uma imagem empresarial fortalecida, sujeita a poucos riscos, pois o consenso existe sobre a necessidade de satisfazer e de dar prioridade às carências sociais, a empresa canaliza a sua busca da competitividade para fatores como preço, qualidade, marca, serviços e tecnologia. (MELO; FROES, 1999, p. 97).

Cada dia mais empresas estão dispostas a melhorar o meio ambiente onde vivem, não apenas visando os seus objetivos específicos, mais sim um objetivo comum, que na maioria das vezes impacta diretamente na vida da comunidade socialmente responsável, dando ela apoio e oportunidade de realizar feitos ecologicamente corretos e economicamente responsáveis.

2.2.5 PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA

2.2.6 PROGRAMA A *UNIÃO FAZ A VIDA* E SUA HISTÓRIA.

Objetivo desse trabalho é apresentar o programa A União Faz a Vida, com objetivos cooperativistas que busca refletir na filosofia e trabalho dos envolvidos. Sendo um programa de educação que busca ampliação na cultura cooperativista, possibilitando ser conduzido por comunidades e localidades de mesma característica e adaptando-se as diferentes realidades de cada região.

Na década de 80 o Sicredi contava com mais de 60 cooperativas de créditos que, após terem enfrentado dificuldades relacionadas aos sobressaltos da economia, viviam um período de desenvolvimento. Mas ainda havia desafios a vencer. Num ambiente onde um número expressivo de cooperativas, especialmente as agropecuárias, apresentava dificuldades econômicas, era preciso garantir a sobrevivência dos empreendimentos cooperativos, ampliando o conhecimento sobre o cooperativismo e a natureza das sociedades cooperativas. Como forma de enfrentar esses desafios, o Sicredi decidiu pela criação de materiais de divulgação sobre cooperação e cooperativismo e o desenvolvimento de programas de cooperativismo nas escolas, com o objetivo de sensibilizar crianças e jovens para o tema. O objetivo principal era disseminar o cooperativismo como forma de desenvolvimento, mas isso era só o começo de um planejamento com várias propostas para o futuro. (Fundação Sicredi, 2008, p. 6).

Dentre as várias pesquisas e estudos realizados ainda identificaram que faltava algum complemento para continuar em busca de novas ideias para o programa.

A fundação Sicredi (2008, p. 6) descreve:

Após pesquisa junto às organizações relacionadas ao cooperativismo, no Brasil e no exterior, foram encontradas iniciativas que abordavam questões pontuais sobre o cooperativismo, mas nenhum programa específico que pudesse contribuir para o atendimento das necessidades percebidas pelas cooperativas foi identificado. (Fundação Sicredi, 2008, p. 6).

Em 1992, em uma visita às cooperativas de crédito da Argentina e do Uruguai, dirigentes do Sicredi entraram em contato com uma Cooperativa Habitacional nas proximidades de Montevideu, onde funcionava, também, uma Cooperativa Escola. Impressionados, foram recebidos e guiados por um garoto de 11 anos, presidente da cooperativa, simpático, entusiasmado e demonstrando muito conhecimento sobre cooperativismo. Esse episódio colaborou com a tese de que era essencial buscar a construção de uma nova cultura sobre cooperação e empreendedorismo. Assim, em 1993, o Sicredi se aproximou do Centro de Desenvolvimento e Pesquisa sobre Cooperativismo da Universidade do Vale do Rio do Sinos - São Leopoldo/RS, com o apoio do Padre Roque Lauchner, então coordenador. A ideia era desenvolver um programa de educação cooperativa, cujo projeto previa a contratação de especialistas nas diversas disciplinas curriculares de ensino, os quais proporiam metodologias que privilegiassem o empreendedorismo e o coletivismo, em substituição à prática individual.

Surgia então à ideia inicial do programa A União Faz a Vida: em 27 de Janeiro de 1994, o Conselho de Administração da Cooperativa Central de Crédito do RS aprovou o cronograma inicial, de acordo com o qual se implantaria o projeto piloto no município de Santo Cristo/RS. A partir daí, as sementes do programa brotaram e multiplicaram-se. Novos educadores e instituições de ensino superior somaram-se ao programa e contribuíram com a adesão de novos municípios e novos estados. (Fundação Sicredi, 2008, p. 6).

Um dos objetivos primordiais do programa A União Faz a Vida é disseminar entre as crianças os jovens e os adolescentes o ideal do cooperativismo, a ideia do

mutualismo, no qual Belato (2003, p. 29), define que: “o termo cooperativismo é derivado do verbo cooperar, ou seja, desenvolver ações ou um determinado trabalho com outros indivíduos com o propósito de atingir uma finalidade comum a todos”.

Belato (2003, p. 29), continua:

[...] Do ponto de vista pedagógico, o importante é que aluno não existe para escola, mas que escola existe para o aluno, mas aluno só poderá perceber isso, na medida em que lhe for dada a oportunidade de ser sujeito de sua aprendizagem. Portanto, o programa de Educação Cooperativa União Faz a Vida tem essa marca em buscar novas ideias, motivação e a troca de experiência para que todos caminhem na mesma direção, fortalecendo o cooperativismo. (BELATO, 2003, p. 29).

O programa A União Faz a Vida é na verdade um programa de responsabilidade social que o Sicredi desenvolve com outros parceiros (empresas, organizações escolas e universidades), nas escolas envolvidas com foco no desenvolvimento dos conceitos de cidadania; busca a educação infantil e o ensino fundamental, contribuindo para as relações sociais de acordo como os princípios cooperativistas. (PANOZZO, 2004, p. 19).

Destaca-se ainda que, toda a educação baseada em uma atividade cooperativa e criativa continua a ser vigente, inclusive para avaliar as limitações do trabalho sob o capitalismo. Pois apenas, somente mediante uma vivência de cooperação, ação e reflexão, de conhecimento das próprias potencialidades, é que o aluno pode perceber suas possibilidades e limites. Sendo promovido de referencial crítico sobre as condições oferecidas pela sociedade moderna, que exigira o máximo possível de seu aperfeiçoamento. (BELATO, 2003, p. 34).

Ainda sobre o cooperativismo e a educação continuada, descreve Belato (2003, p. 34): “o cooperativismo aponta uma educação fundamentada nas bases da aprendizagem do conhecimento, do fazer, da vivência em comunidade e da atitude de aprender a ser como caminho para enfrentar os desafios do mundo globalizado”.

O programa A União Faz a Vida tem esse propósito, que é integrar a escola e a comunidade, na ajuda mútua e no exercício da democracia, nos mais diferentes setores de atividade humana. Colaborando para fixação do homem no seu meio,

mantendo e valorizando sua identidade, sendo um diferencial para a empresa em que esta inserida. (BELATO, 2003, p. 35).

2.2.7 OBJETIVOS DO PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA

O objetivo é mostrar à sociedade o que realmente deve se esperar do programa, uma forma de contribuir para a melhoria de vida de todos em modo geral, e seu desenvolvimento se dá nas escolas e comunidades onde o Sicredi esta presente.

Desenvolvido desde 1995, vem consolidando-se como um programa com características e virtudes próprias. Centrado no desenvolvimento dos conceitos de cidadania, o programa tem como alvos a educação infantil e o ensino fundamental das comunidades onde o Sicredi está presente. Aprimorando também a sua relação com as populações, ampliando a divulgação dos princípios cooperativistas e construindo de forma sólida e abrangente um novo conceito de cidadania - e, através dele, desenvolvendo a qualidade de vida das pessoas. (Fundação Sicredi, 2008, p. 1).

Sobre o papel do programa descreve a Fundação Sicredi (2008, p. 7), “construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional”.

Belato (2003, p. 35) afirma:

O programa A União Faz a Vida tem esse propósito, que é integrar a escola e a comunidade dentro do espírito do comprometimento cooperativo através das práticas da solidariedade, na ajuda mútua e no exercício da democracia. Nos mais diferentes setores de atividade humana, colaborando para fixação do homem no seu meio, mantendo e valorizando sua identidade. (BELATO, 2003, p. 35).

Neste âmbito é correto afirmar que com programa o Sicredi busca contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da sociedade, reafirmando sua missão e alinhado com seu posicionamento estratégico de ser uma instituição financeira da comunidade. Pratica também, o 5º e o 7º princípio do cooperativismo,

promovendo a educação, formação e informação; e interesse pela comunidade. (Fundação Sicredi, 2008, p. 9).

Ao apresentar o programa de Educação Cooperativa A União Faz a Vida nacional. As cooperativas de crédito integrantes do sistema Sicredi reafirmam sua crença de que a construção e vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania contribuem para a formação de cidadãos capazes de empreender e criar, coletivamente, alternativas de desenvolvimento econômico, socioambiental e cultural. (Fundação Sicredi, 2008, p. 9).

O programa em um contexto mais generalizado alinha-se à concepção de educação integral que compreende o indivíduo como um ser uno, indivisível, e em constante desenvolvimento, respeitando e conjugando as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e corporais dos envolvidos na relação educativa. Efetivar a educação integral requer uma prática pedagógica que compreende o ser humano em sua integralidade, diversidade, universalidade e singularidade. Nessa concepção as experiências pessoais de educadores, crianças, adolescentes e o repertório cultural dos sujeitos envolvidos ocupam lugar em destaque. (Fundação Sicredi, 2008, p. 11).

2.2.8 FASES DO PROGRAMA

É importante ressaltar a importância das fases do programa para melhorar o entendimento dos leitores. O desenvolvimento do programa A União Faz a Vida dá-se em diferentes etapas.

Uma vez escolhido o município de implantação, o Sicredi e a prefeitura local passam a coordenar o processo, convidando e reunindo representantes de todos os segmentos da sociedade, redes escolares, entidades de classe, clubes de serviço, entidades religiosas, etc., para a apresentação do programa à comunidade. Por fim, ocorre o processo democrático na escolha de coordenador (a) local, o (a) qual será responsável, no município, pelo andamento do programa, pela articulação das parcerias, pela motivação dos professores e funcionários e coordenação das ações integradas no processo de educação cooperativa. (Fundação Sicredi, 2008, p. 1).

O programa se desenvolve em três grandes fases: Articulação, Realização e Desenvolvimento.

No conceito da Fundação Sicredi (2008, p. 8), “Articulação: é o momento em que a Cooperativa de Crédito do Sicredi e a comunidade Escolar unem-se pelo interesse em desenvolver o programa”.

Realização: nesta fase ocorre a formação dos educadores, planejada na fase da Articulação, desenvolvida pelas assessoras pedagógicas. Trata-se de inserir, intensificar ou expandir no universo educacional do município, as práticas de cooperação e cidadania expressas pelo programa. As estratégias de formação são atividades vivenciais capazes de promover as práticas cooperativas e a criação de projetos que viabilizem aprendizagem de atitudes e valores de cooperação e cidadania no ambiente educacional. (Fundação Sicredi, 2008, p. 8).

Desenvolvimento: é a fase de execução dos projetos. Os temas mobilizados serão aqueles de relevância social para a melhoria da qualidade de vida da comunidade e deverão dialogar com o objetivo e princípios do programa, proporcionando a ação de empreender coletivamente. Neste período a formação continuada dos educadores terá por objetivo o desenvolvimento dos projetos e seus desafios. (Fundação Sicredi, 2008, p. 12).

2.2.8.1 ARTICULAÇÃO, REALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.

As fases de Articulação, Realização e Desenvolvimento são divididas em etapas de forma que possam ser explicadas passo a passo do funcionamento do programa na comunidade.

Conforme demonstrado no Guia do programa a UFV (Fundação Sicredi, 2008, p. 12) as fases são divididas pelo ano 1, 2 e 3 e por semestres, desafios e práticas. Sendo:

Na fase de Articulação Ano 1 e semestre 2: o desafio é sensibilizar os gestores da educação local, Educadores, Pais e Comunidade para o desenvolvimento do programa, na sociedade.

- Estudar a viabilidade do programa, analisar a necessidade da comunidade para a implantação.
- Articular os parceiros, levando para o Poder Público (ou iniciativa Privada) e órgãos responsáveis a proposta do programa, a fim de obter parcerias para seu desenvolvimento;
- Sensibilizar a comunidade: divulgar o programa aos Educadores, Pais e apoiadores através de palestras, panfletos, meios de comunicação, aplicando pesquisa de adesão.
- Concretizar a parceria: levar até órgãos responsáveis para assinar o Termo de Cooperação entre Gestor e Parceiro;
- Planejar a Realização: é o planejamento das ações para o ano seguinte.

Na fase de Realização ano 2 e semestre 1: o desafio é inserir no universo educacional do município as práticas de educação cooperativa através da formação dos Educadores. Sendo:

- Realizar oficinas de formação com Educadores definindo a carga horária no local da realização do evento, contendo as recomendações do material de apoio, sendo o Caderno 1, 2 e álbum da coleção de educação cooperativa.

Ainda na fase de Realização no Ano 2 – Semestre 2 o desafio é aplicar o programa nas escolas e organizações e realizar a avaliação. Sendo:

- Promover atividades com Crianças e Adolescentes, com o intuito que eles observem as necessidades do local onde vivem ou frequentam e promovam mudanças, gerando benefícios a toda sociedade.
- Utilizar o material pedagógico: caderno 1 e 2, fornecido pelo programa;
- Acompanhar e Avaliar o processo formativo: através das observações das crianças e adolescentes;

- Avaliar a aderência do material pedagógico: com o que está sendo colocado em prática;
- Elaborar e apresentar o Projeto no ano seguinte, utilizando o formulário de projeto, para a realização.

Na fase Desenvolvimento Ano 3 – Semestre 1 o desafio é expandir as práticas de cooperação e cidadania promovendo a realização do projeto com Apoiadores do programa. Também incorporar na prática das escolas e das organizações educativas a construção e vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio do desenvolvimento de projetos e avaliação do processo e resultado. Sendo:

- Fortalecer e intensificar as atividades com Crianças e Adolescentes;
- Utilizar o material pedagógico,
- Realizar o Projeto.
- Avaliar; processo formativo, as atitudes e valores de cooperação e cidadania em Crianças e Adolescentes. Alcançando os resultados do projeto, e definir pela continuidade ou desenvolvimento de novos projetos.

Ao analisar a FIG. 1 é possível entender melhor como funciona e quais são as fases do programa:

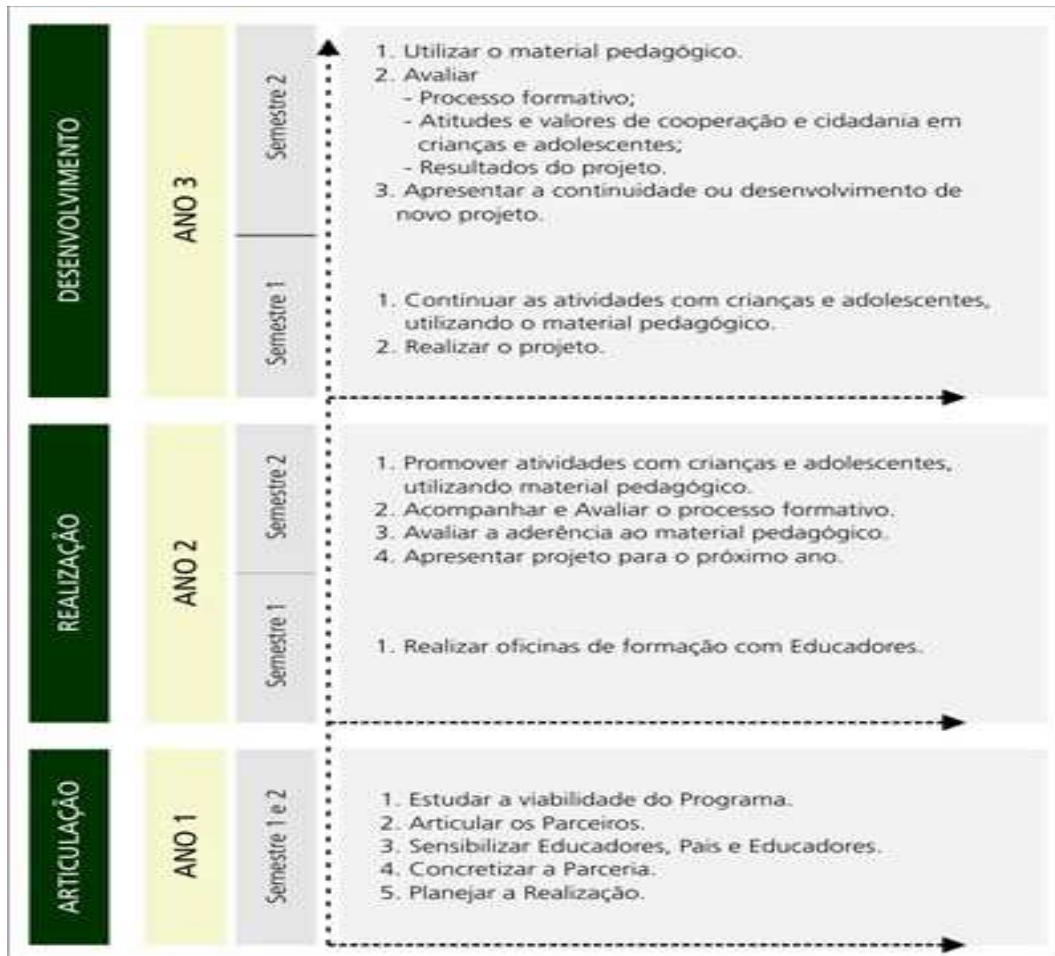


FIGURA 1 - Fases do programa A União Faz a Vida

Fonte: Disponível em: <http://www.auniaofazavida.com.br>, acessado em: 29/02/2012.

A exemplo de tantas outras instituições e programas de sucessos implantados em sua maioria pelas organizações, seja com ou sem fim lucrativo, o programa A União Faz a Vida também segue uma hierarquia, de forma a facilitar o desenvolvimentos dos trabalhos, haja vista que este é um programa de abrangência nacional, embora esteja ainda em fase de implantação em algumas cooperativas, distribuídas por estados e regiões. Sendo o caso da cooperativa Sicredi Univales que implantou o programa até este momento somente no município de Juina-MT.

Após serem apresentadas as fases de implantação do programa A União Faz a Vida, se faz necessário conhecer a estrutura da hierarquia do programa, para isso pode se analisar o organograma apresentado na FIG.2 o qual deixa claro o nível de hierarquia a ser seguido, buscando maior facilidade no desenvolvimento dos

trabalhos a serem desempenhados pelas cooperativas locais em parcerias com as escolas e os centros educacionais diretamente envolvidos.

FIG. 2. Apresenta o Organograma do programa A União Faz a Vida.

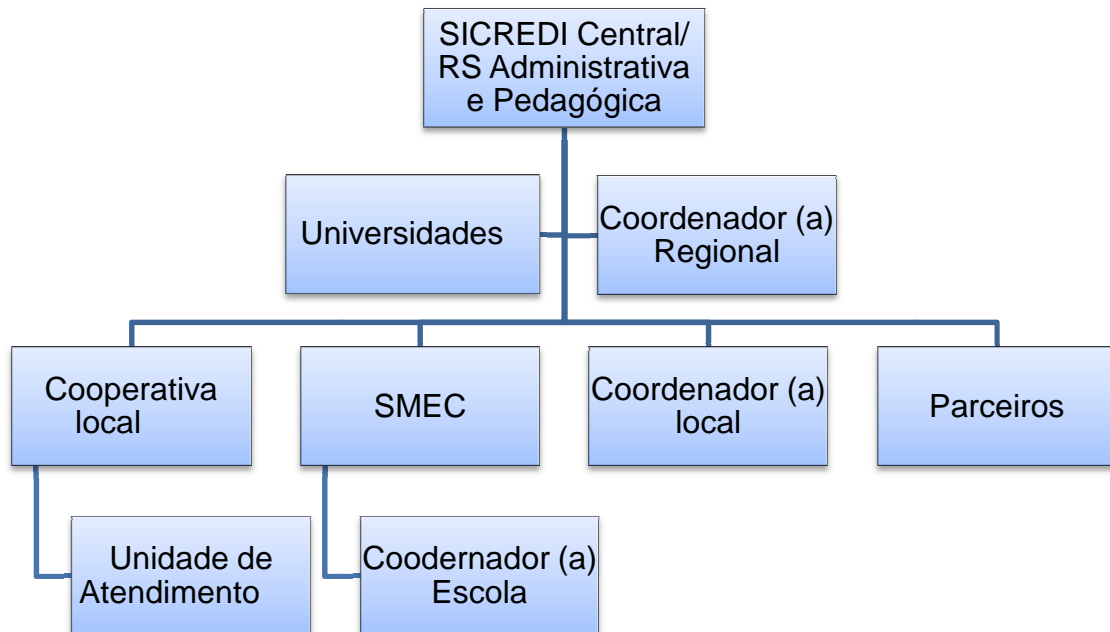


FIGURA 2 - Organograma programa A União Faz a Vida
Fonte: Fundação Sicredi, (2008, p. 3).

2.2.9 AGENTES DO PROGRAMA

Os agentes são os representantes do programa UFV, que compõem a rede de cooperação, desejo e ação, para desenvolvimento do programa. Como as abelhas, o símbolo da flor vale-se para a sobrevivência e perpetuação, o programa A União Faz a Vida depende da rede de cooperação para o seu desenvolvimento.

As abelhas, que habitam praticamente todos os lugares do mundo, desde regiões muito frias, atingindo latitudes de até 65º ao norte, até desertos secos e quentes, matas tropicais úmidas e ilhas oceânicas. Assim como as abelhas, o programa A União Faz a Vida se estabelece na dimensão nacional, de forma flexível e adaptável às diferentes realidades educacionais e, através dos projetos desenvolvidos pelas crianças e Adolescentes, transforma o mundo. (Fundação Sicredi, 2008, p. 47).

Na Fundação Sicredi, (2008, p. 47) relata que: “as abelhas apresentam diferentes padrões de comportamento social, envolvendo diferentes combinações de características: castas, divisão de tarefas, superposição de gerações e trabalho cooperativo”.

Para Fundação Sicredi, (2012, p. 4) a abelha representa todo o trabalho cooperativo, ou seja, “sinônimo de cooperação e trabalho, a abelha é a legítima mascote do programa A União Faz a Vida. O símbolo do cooperativismo no seu peito fortalece a sua identidade com Educação Cooperativa”.

A FIG. 3 apresenta a mascote do programa A União Faz a Vida.



FIGURA 3 - Mascote do programa A União Faz a Vida.

Fonte: Disponível em: <http://www.auniaofazavida.com.br>: acessado em 29/02/2012.

Já a flor, símbolo da rede, é o conjunto dos agentes necessários para o desenvolvimento do programa. Suas pétalas são fundamentais e unem-se harmonicamente em torno de um objetivo comum: a educação cooperativa, então importante explicar o que todas as pétalas representam para o programa.

A FIG. 4 a seguir representa a flor que é o símbolo da rede de cooperação.

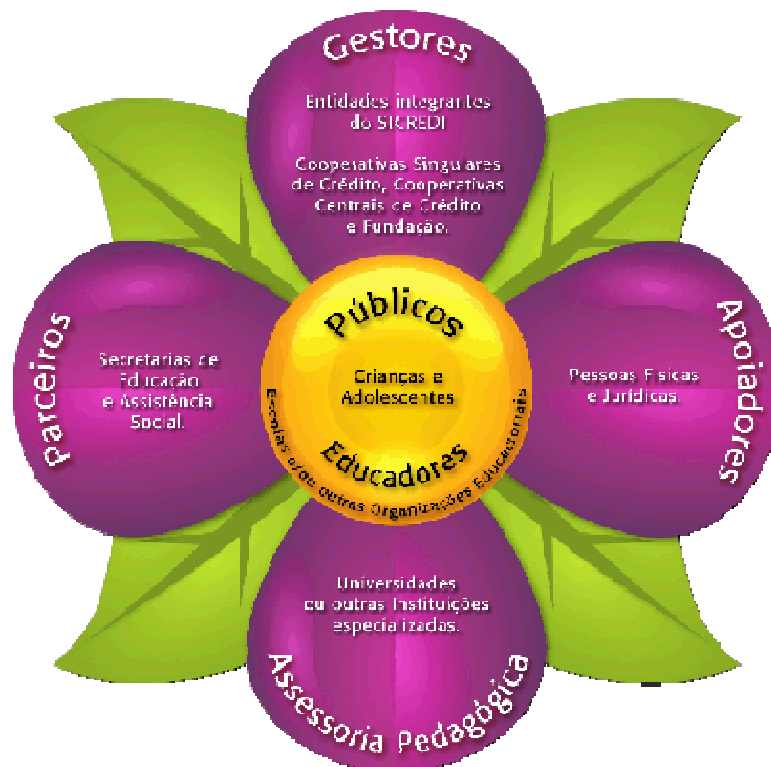


FIGURA 4 - Símbolo da rede de cooperação

Fonte: Disponível em: <http://www.auniaofazavida.com.br>, acessado em: 29/02/2012.

Gestores - o Sicredi acompanha e age de forma estratégica, planeja e articula em prol do programa, busca os parceiros, assessores pedagógicos e apoiadores necessários para seu desenvolvimento. O programa é desenvolvido nos municípios onde o Sicredi está presente. (Fundação Sicredi, 2012, p. 5).

Parceiros - os Parceiros são os responsáveis formais pelos ambientes educacionais onde o programa se desenvolve. Têm o papel de implementar as práticas educativas para a construção e a vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania como as crianças e os adolescentes. (Fundação Sicredi, 2012, p. 5).

Apoiadores - a necessária adesão de apoiadores tem por finalidade envolver representantes da comunidade na busca das melhores condições para o desenvolvimento do programa e de seus projetos. São os atores sociais da comunidade de aprendizagem. (Fundação Sicredi, 2012, p. 5).

Assessorias pedagógicas - Têm o papel de promover a formação continuada dos educadores para colocar em prática as atividades e repertórios de cooperação e cidadania com educadores, que, por sua vez, conduzirão o processo de formação das crianças e dos adolescentes. (Fundação Sicredi, 2012, p. 6).

2.2.10 EDUCAÇÃO COOPERATIVA

Os princípios e valores do cooperativismo de crédito estão associados a educação, formação e informação, a educação segue a filosofia e as diretrizes pautadas nos valores cooperativistas. O cooperativismo se associa com a educação cooperativa de forma que apresente o conhecimento, do fazer, da vivência com a comunidade e da atitude de aprender a ser. E é através do programa UFV que ela se manifesta de forma mais apresentável à sociedade. O cooperativismo e a educação cooperativa são capazes de conduzir uma sociedade e um sistema econômico alternativo mais solidário, justo, autônomo, democrático e participativo.

Na concepção de Belato (2003, p. 21). “Falar de educação cooperativa, para quem vive o dia-a-dia do trabalho às voltas com práticas pedagógicas atravessadas pela lógica dominante do capitalismo de mercado e do conseqüente individualismo, significa pensar um tipo diferente de educação”.

O desafio que se impõe, então, é que para falarmos em educação para a criação de uma cultura de cooperação precisamos superar a prática da democracia e evoluirmos para outras formas e organização socioeconômica e política as nossas instituições e comunidades. (BELATO, 2003, p. 21). Belato complementa (2003, p. 18), “a educação para a cooperação é um ato deliberado e, mais, cooperado entre educandos e educadores”.

Para poder dar respostas ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão: aprender a fazer para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de PARTICIPAR E COOPERAR com os outros em todas as atividades humanas;

finalmente aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes (DELORS, 1998, p. 89-90).

Belato (2003, p. 18) afirma que para se ter a convicção de que a educação cooperativa é capaz de:

- retornar e recriar a capacidade do agir coletivo, que nos vem de nossas culturas negras, índia, europeia, e de reinvenção comunitária, lugar imediato de nossa vida em cooperação;
- potencializar nossas forças individuais no enfrentamento dos dilemas, problemas e incertezas que a vida individual e coletiva implica;
- afirmar, no processo das diferenças criadoras, as identidades individuais e coletivas tão necessárias a uma sociedade complexa e que não quer submeter-se à indiferença imposta pela padronização globalizada dos prazeres, lazeres, afazeres e culturais;
- fazer emergir, com vigor renovado, os sujeitos individuais e os sujeitos sociais que experimentaram, na prática, o amplo espectro de viver a liberdade e a emancipação;
- fazer a educação para a cooperação, isso faz todo o sentido humano do mundo! (BELATO, 2003, p. 18).

Na definição de Belato (2003, p. 28), “penso a Educação Cooperativa como uma prática social construída com base em consensos entre as pessoas que participam diretamente dos seus processos, porque, antes de mais nada, educação e comunicação, é diálogo”.

3 METODOLOGIA

Para se obter resultados na pesquisa se faz necessário a escolha da estruturação metodológica, para Gil (2008, p. 17), “a pesquisa foi desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa dos métodos, técnicas e outros procedimentos científicos”.

No conceito de Cervo e Bervian (2002, p. 23);

Não se inventa um método; ele depende, fundamentalmente, do objeto da pesquisa. Os cientistas, cujas investigações foram coroadas de êxito, tiveram o cuidado de anotar os passos percorridos e os meios que os levaram aos resultados. Outros, depois deles, analisaram tais processos e justificaram a eficácia dos mesmos. Assim, tais processos, empíricos no

início, foram transformados, gradativamente, em métodos verdadeiramente científicos. (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 23).

Neste trabalho foi abordada a pesquisa bibliográfica que analisou ideias de vários autores em relação ao tema proposto. Para a realização da pesquisa se fizeram necessárias consultas em livros, revistas, artigos, guias do programa UFV, manuais, e pesquisa em sites seguros como o da OCB e Sicredi.

Para Cervo e Bervian (2002, p. 64), “cada abordagem ou busca admite níveis diferentes de aprofundamento e enfoques específicos e objeto de estudo, objetivos visados e a qualificação do pesquisados”.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Gil (2008, p. 44). Em relação à pesquisa bibliográfica Cervo e Bervian (2002, p. 65) definem:

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 65).

Para Marconi e Lakatos (1990, p. 66), “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográficos etc”.

Para o presente trabalho desenvolveu-se uma pesquisa exploratória. Acevedo (2007, p. 46) explica que o principal objetivo da pesquisa exploratória é “proporcionar maior compreensão do fenômeno que está sendo investigado, permitindo assim que o pesquisador delinear de forma mais precisa o problema”. Representa na maioria das vezes a primeira etapa de uma investigação maior.

Já no conceito de Cervo (2002, p. 69), “A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”.

3.1 CONCEITO DE PESQUISA

Esse tipo de trabalho se identifica como um estudo de caso do programa A União Faz a Vida, um programa desenvolvido por uma Cooperativa de Crédito Sicredi Univales.

O estudo de caso para Triviños (1987, p. 133) apud Marconi e Lakatos (2004, p. 274), “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”.

No conceito de Marconi e Lakatos (2004, p. 274);

O estudo de caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos. Entretanto, é limitado, pois se restringe ao caso que estuda, ou seja, um único caso, não podendo ser generalizado. (MARCONI; LAKATOS, 2004, p. 274).

Estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados, essencial para a realização desse trabalho. (GIL, 2008, p. 54).

Para Acervo e Bervian (2002, p. 67), “estudo de caso é a pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo do seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida”.

Os dados trabalhados nesta pesquisa são de natureza qualitativa. Na concepção de Marconi e Lakatos (2006, p. 269), a metodologia qualitativa preocupa-se em “analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”.

3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu através de livros, artigos, revistas, documentos eletrônicos sobre o cooperativismo, responsabilidade social, programa: A União Faz

a Vida, Educação Cooperativa, possibilitando a conclusão do referencial teórico, com embasamento para o estudo de caso.

Gil (2002, p. 104) conceitua coleta de dados como:

O processo de coleta de dados no estudo de caso é mais complexo que o de outras modalidades de pesquisa. Isso porque na maioria das pesquisas utiliza-se uma técnica básica para a obtenção de dados, embora outras técnicas possam ser utilizadas de forma complementar. (GIL, 2002, p. 104).

Cervo (1983, p. 155) compreende que, “a coleta de dados ocorre após a escolha e delimitação do assunto, a revisão bibliográfica, a definição dos objetivos, a formulação do problema e das hipóteses e a identificação das variáveis”.

Optou-se pela técnica de questionário, que é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra *questionário* refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche. (CERVO e BERVIAN, 2002, p. 48).

O questionário deste estudo de caso foi elaborado com perguntas fechadas e de múltiplas escolhas e foi aplicado aos envolvidos do programa UFV - assessores pedagógicos e professores.

Ainda para Cervo e Bervian (2002, p. 48), “as perguntas fechadas são padronizadas, de fácil aplicação, fáceis de codificar e analisar”.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

De acordo com Gil (2002, p. 163), “a população e amostra envolvem informações a cerca do universo a serem estudados, da extensão da amostra e da maneira como será selecionada”.

Para responder o problema da pesquisa selecionou-se no universo de 150 professores e assessores ligados às instituições que possuem parcerias com o programa a UFV, no total de 39 estavam aptos a responder a pesquisa, destes eram 31 professores e 8 assessores pedagógicos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Realizou-se um estudo de caso com professores e assessores pedagógicos no município de Juína, onde foi aplicado um questionário que se encontra no apêndice deste trabalho.

4.1 PERGUNTAS RESPONDIDAS PELOS ASSESSORES E PROFESSORES

Na primeira questão foi perguntado se o compromisso social que o Sicredi demonstra na comunidade, incentiva que outras empresas locais façam o mesmo?

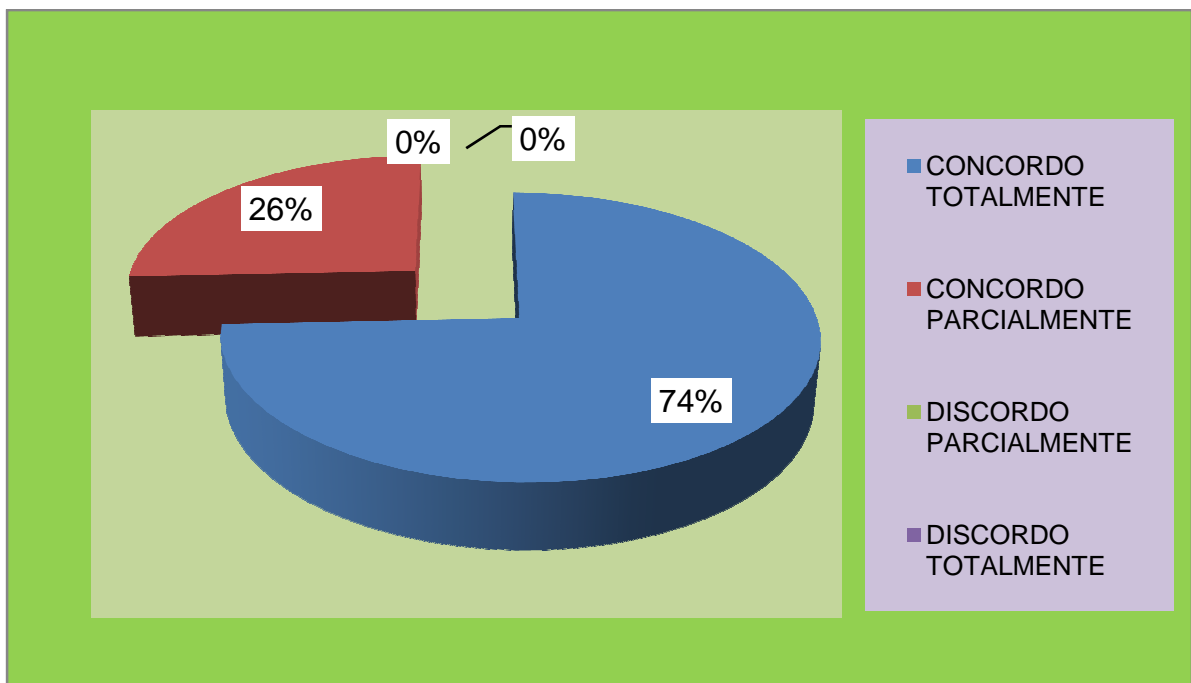


Gráfico 1 - Iniciativa Sicredi x Compromisso Social
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 1, 74% dos questionados concorda totalmente e 26% concorda parcialmente, o que demonstra que o Sicredi, incentiva que outras empresas se portem de tal maneira.

Na segunda questão foi perguntado se a atuação do Sicredi voltada para a iniciativa da educação pode contribuir para o desenvolvimento social das comunidades?

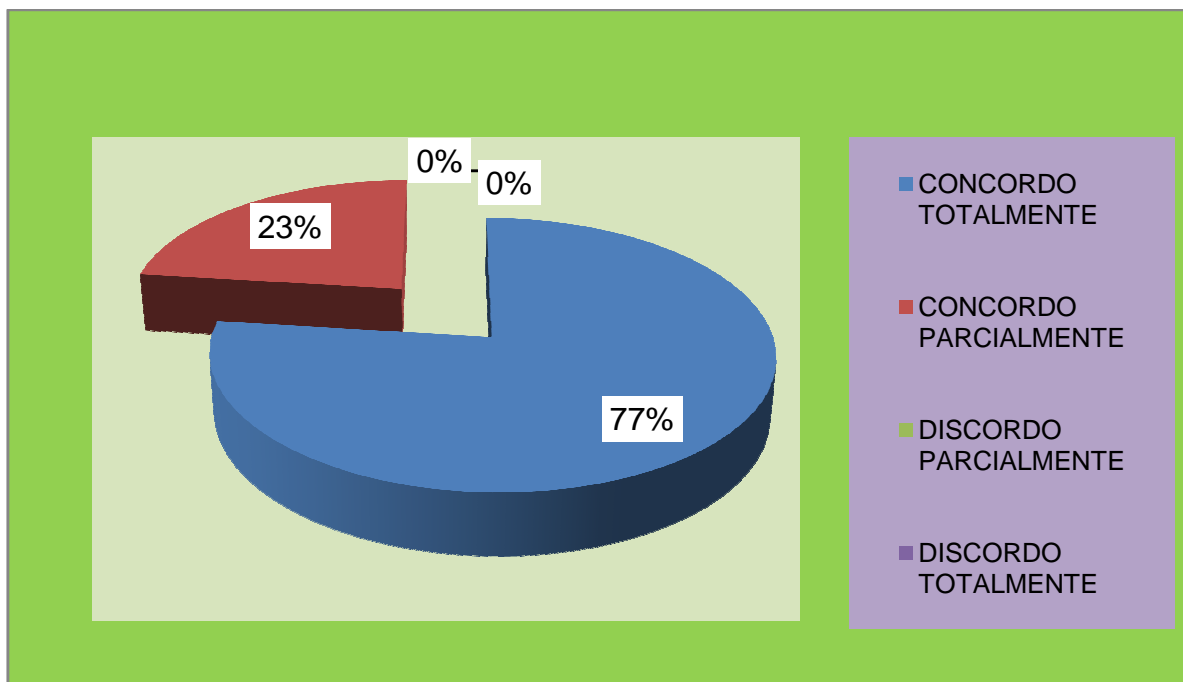


Gráfico 2 - Atuação Sicredi x Desenvolvimento Social
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 2, 77% dos questionados concorda totalmente e 23% concorda parcialmente, isso representa que a atuação do Sicredi mediante o desenvolvimento social da comunidade, tem efeito positivo.

Na terceira questão foi perguntado se para estimular a participação e a contribuição dos envolvidos no desenvolvimento do programa A União Faz a Vida é necessário desenvolver trabalhos que possibilitem uma reflexão sobre mudanças de atitudes; divulgar o programa para as famílias dos alunos e colher sugestões dos parceiros para que o programa tenha mais sucesso?

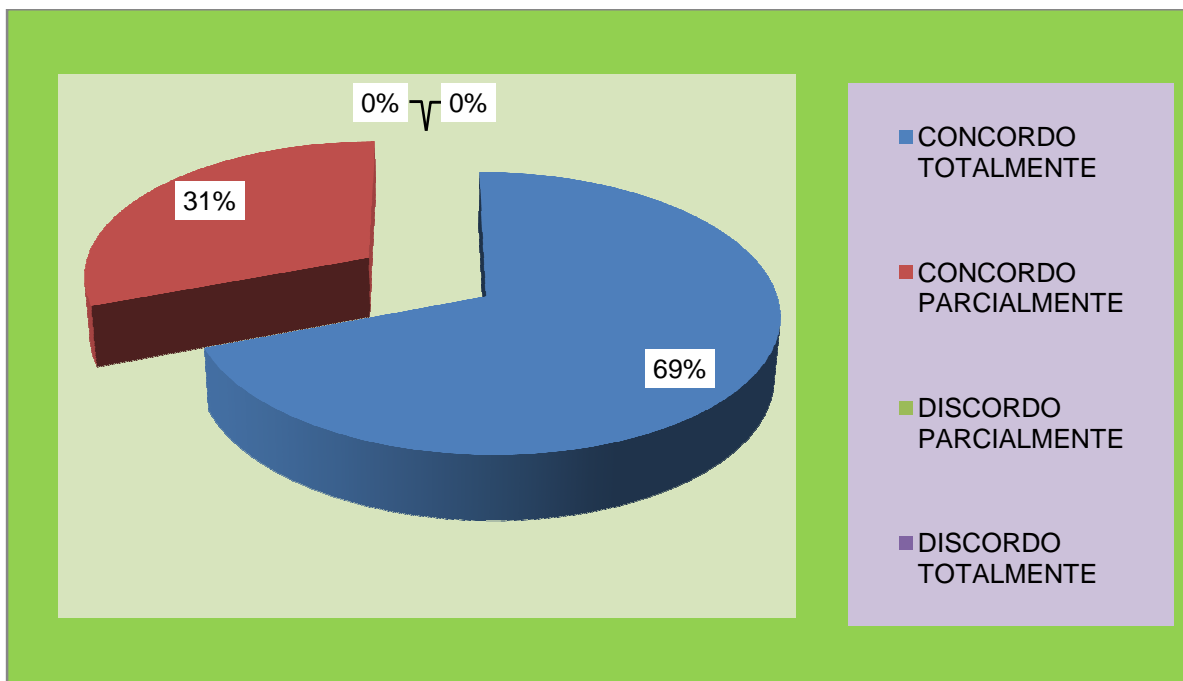


Gráfico 3 - Participação e a Contribuição
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 3, 69% dos questionados concorda totalmente e 31% concorda parcialmente, fica evidente que é necessário que se desenvolva projetos que visem englobar a toda a comunidade escolar e sociedade.

Na quarta questão foi perguntado se o programa através da metodologia proposta pode ser entendido como um veículo importante para a disseminação dos valores e princípios da cooperação e da cidadania?

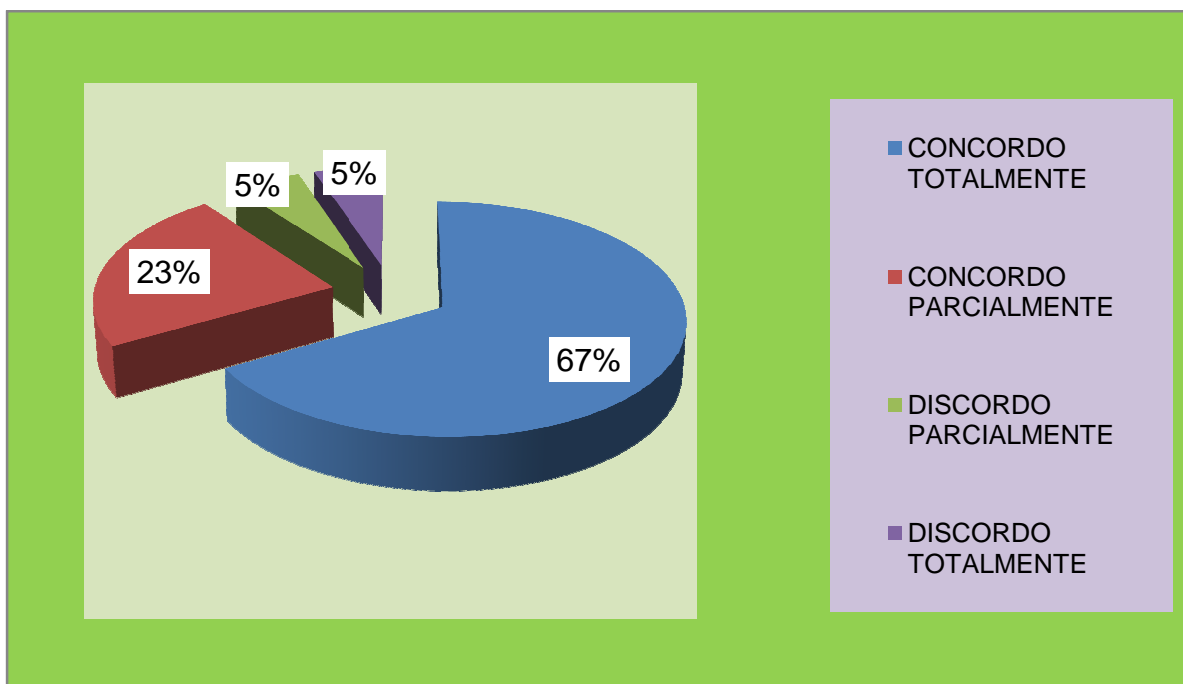


Gráfico 4 - Metodologia do programa
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentado no Gráfico 4, 67% dos questionados concorda totalmente e 23% concorda parcialmente, 5% discorda parcialmente e 5% discorda totalmente, a maioria entende que a proposta do programa a União faz a Vida pode sim ser entendido como um veículo importante para a disseminação dos valores e princípios da cooperação e da cidadania.

Na quinta questão foi perguntado se para melhorar a proposta de educação nas escolas através do desenvolvimento pessoal dos profissionais envolvidos no programa, deve se intensificar as reuniões, trocar ideias entre os profissionais e traçar juntos, uma linha de trabalho condizente a realidade da comunidade escolar?

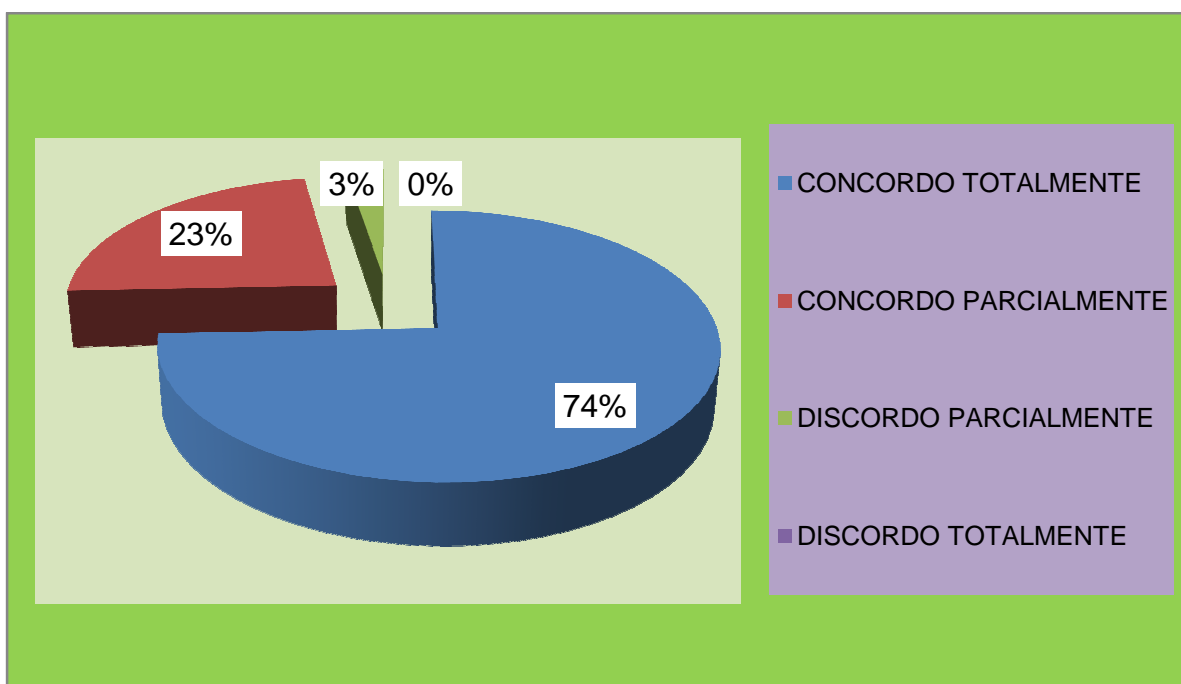


Gráfico 5 - Desenvolvimento dos profissionais
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 5, 74% dos questionados concorda totalmente e 23% concorda parcialmente que deve se intensificar as reuniões, trocar ideias entre os profissionais e traçar juntos, uma linha de trabalho condizente a realidade da comunidade escolar e 3% discordam parcialmente.

Na sexta questão foi perguntado se a parceria do Sicredi pode garantir o desenvolvimento do programa A União Faz a Vida, com mais investimentos na Formação continuada de todos os profissionais de Educação e estabelecendo outros parceiros em longo prazo junto aos órgãos competentes?

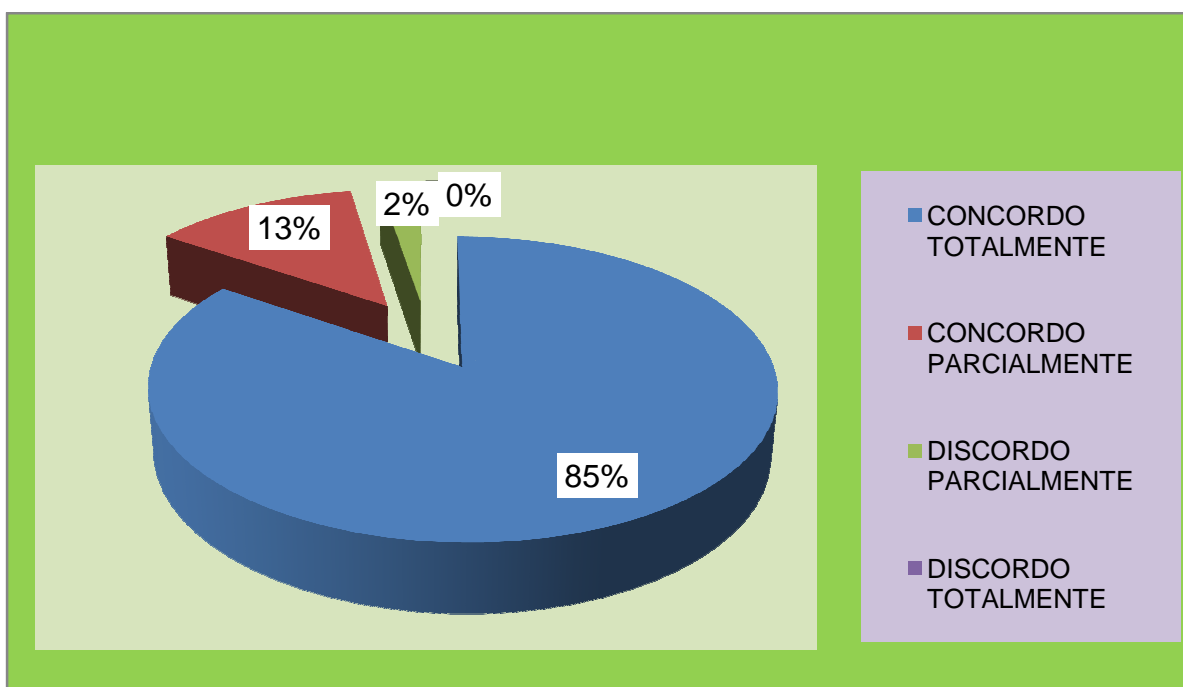


Gráfico 6 - Formação dos professores e demais envolvidos
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 6, 98% dos questionados concorda que é importante maior investimento para a formação dos profissionais da educação e apenas 2% discorda parcialmente.

Na sétima questão foi perguntado se o Sicredi faz jus ao seu objetivo de ser cooperativa e buscar o bem estar de todos, de forma que cooperem, fazendo com que se torne um diferencial e trazendo benefícios para toda a sociedade?

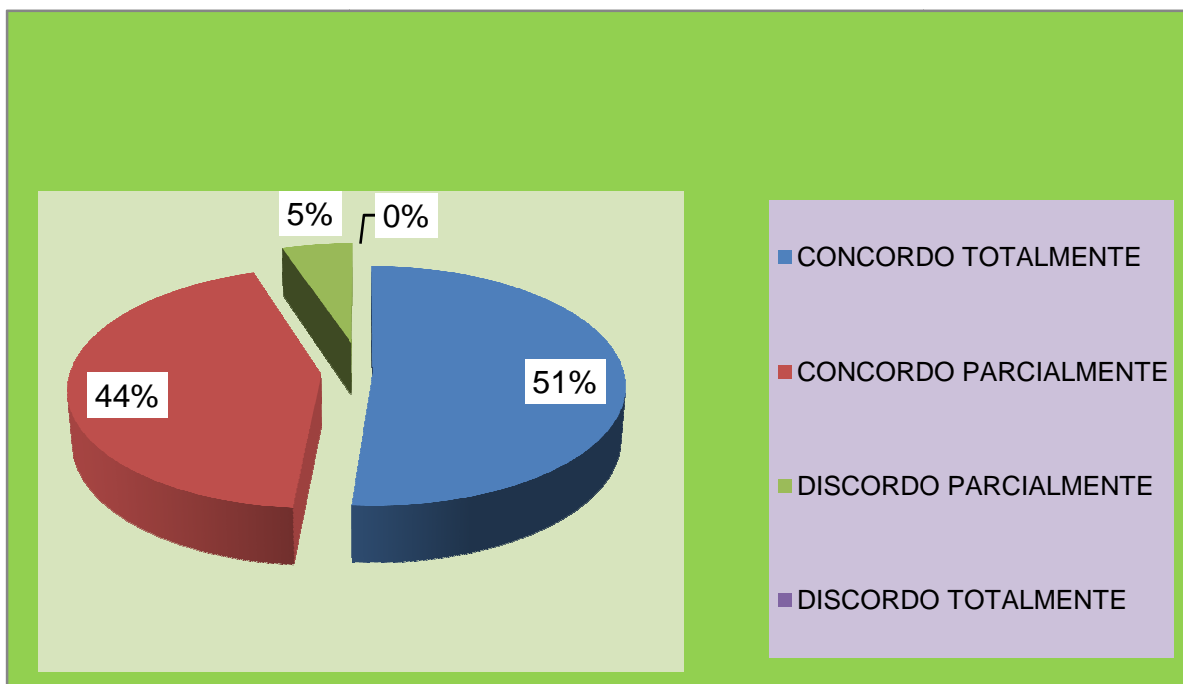


Gráfico 7 - O Sicredi faz jus ao seu objetivo de ser cooperativa
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 7, 95% dos questionados concordam que o Sicredi faz jus ao seu objetivo de ser cooperativa.

Na oitava questão foi perguntado se é correto afirmar que através da implantação do programa A União Faz a Vida, o Sicredi estaria desempenhando parte de seu papel social perante a sociedade?

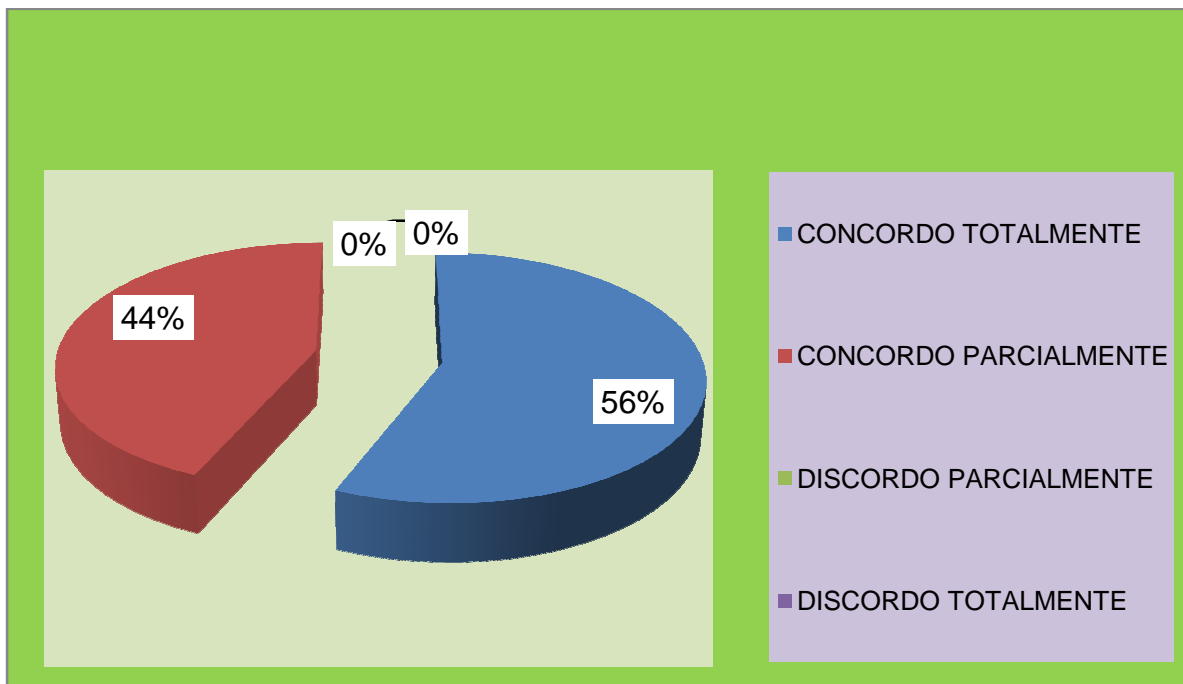


Gráfico 8 - Desempenho do Sicredi no papel social
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 8, 100% dos questionados concordam totalmente que o Sicredi desempenha o seu papel social perante a sociedade.

Na nona questão foi perguntado se seria importante que o Sicredi implantasse o programa A União Faz a Vida em outras cidades da região?

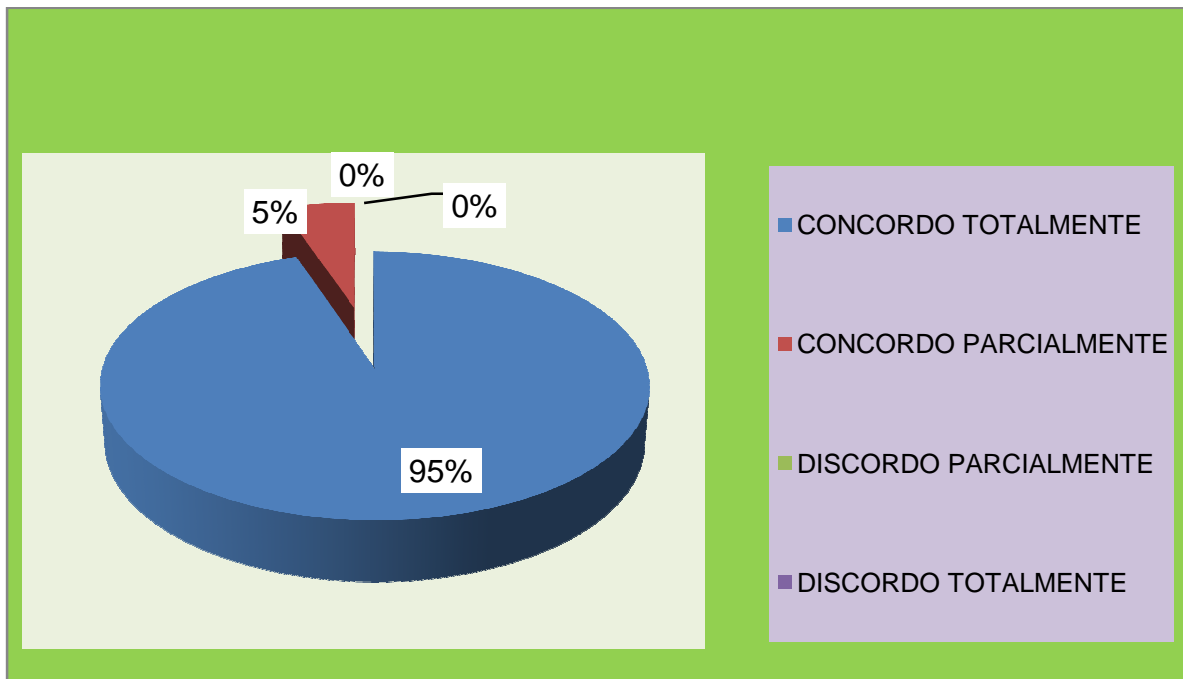


Gráfico 9 - Implantação do programa em outras regiões
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados apresentados no Gráfico 9, 95% dos questionados acreditam que seja importante à implantação do UFV em outras cidades da região.

A décima questão foi perguntado se o programa A União Faz a Vida pode auxiliar na aproximação da empresa, escola e comunidade, através de atividades sócias educativas para as crianças e adolescentes, tornando os cidadãos mais comprometidos com a qualidade de vida e com o meio em que vive?

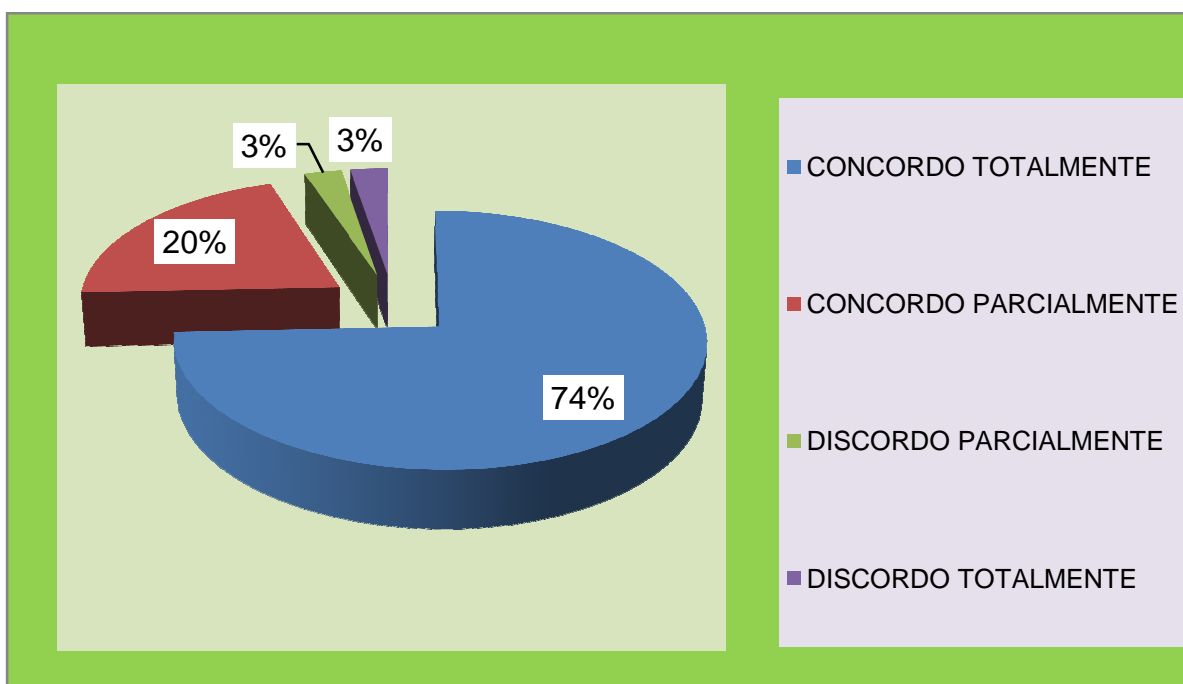


Gráfico 10 - O programa pode auxiliar na aproximação da empresa, escola e comunidade.
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme os dados do Gráfico 10, 94% concorda que programa pode auxiliar na aproximação da empresa, escola e a comunidade.

Sobre a importância da implantação do programa A União Faz a Vida para o bem estar social da comunidade onde está implantado?

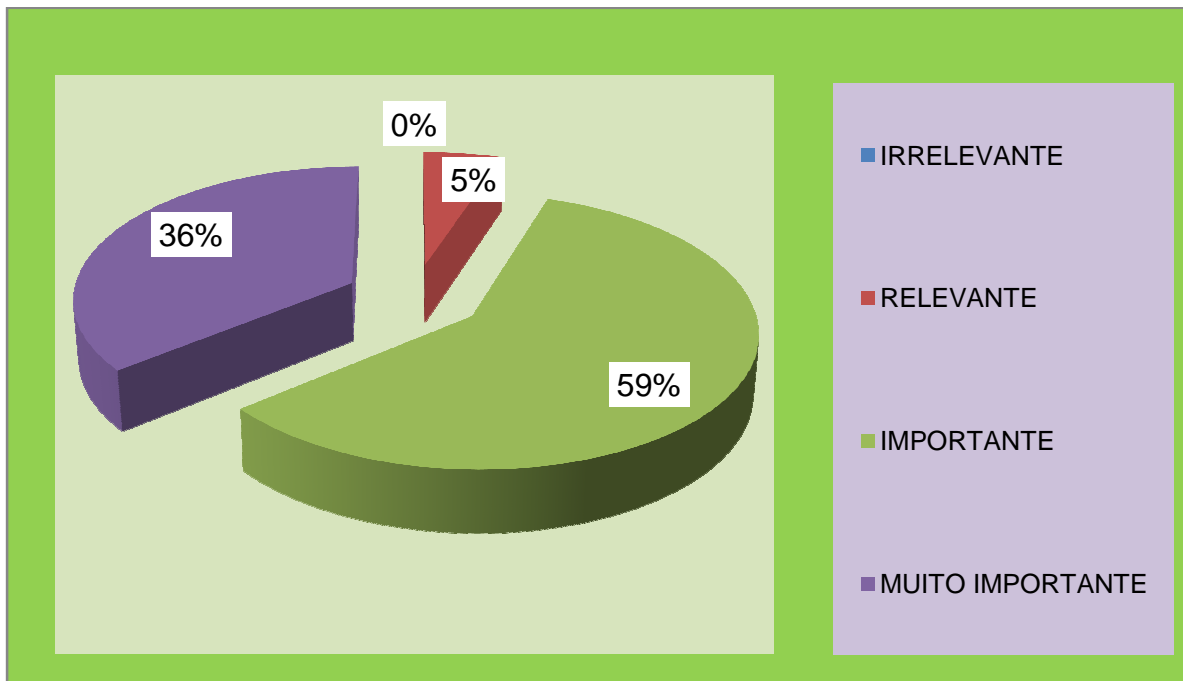


Gráfico 11 - Importância da implantação do programa
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme os dados do Gráfico 11, 59% dos questionados afirmaram importantes e 36% muito importante e 5% relevante, que é importante a implantação do programa A União Faz a Vida para a sociedade.

Com relação à questão: com base em seu conhecimento no que diz respeito à implantação do programa A União Faz a Vida, e com o intuito de mensurar o nível de aproveitamento do mesmo entre as pessoas envolvidas, você considera que a realização deste trabalho científico é?

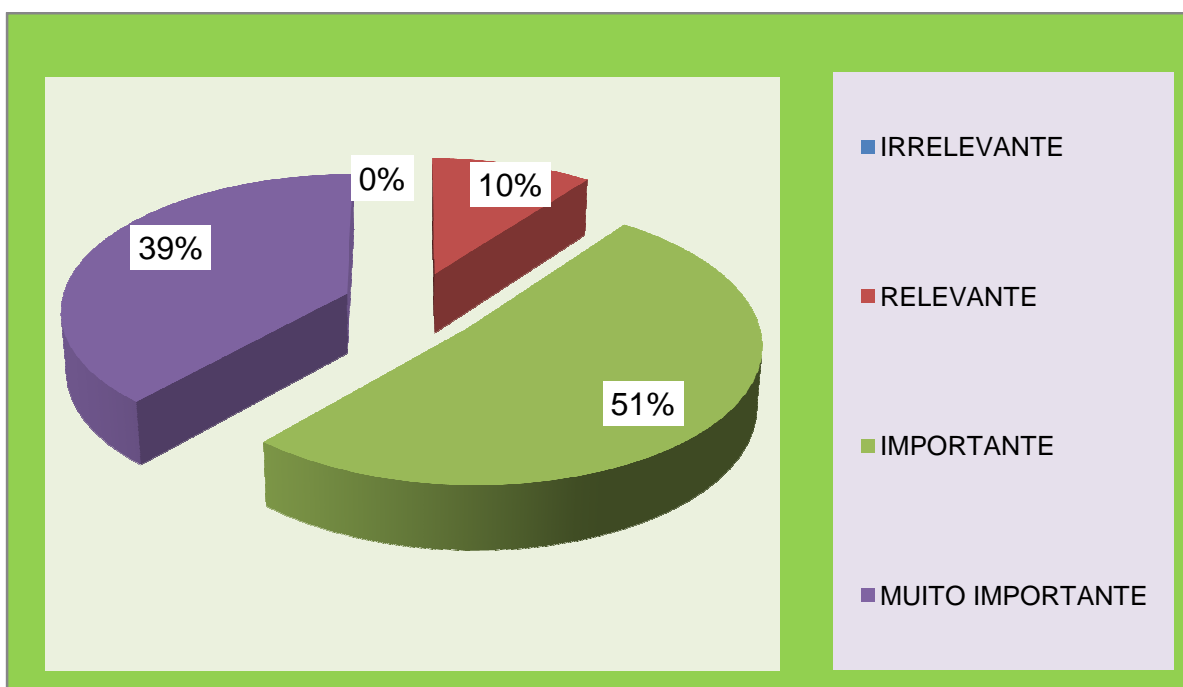


Gráfico 12 - Realização do trabalho científico
Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Conforme dados do Gráfico 12, 51% dos questionados considera importante, 39% muito importante e 10% relevante, as pessoas envolvidas acreditam que o trabalho científico é de bom aproveitamento para os envolvidos do programa e da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho demonstrou que a administração de uma cooperativa deve ser conduzida através de seus gestores buscando novas alianças e conceitos para disseminação dos valores e princípios cooperativistas. Por ser a cooperativa uma organização que possui vários donos, faz-se necessário obter melhores resultados para os seus associados, bem como maior transparência na apresentação destes.

A educação cooperativa, como ação continuada, tem o objetivo de desenvolver o conhecimento do cooperativismo e da cooperação como prática cotidiana. No movimento cooperativista a educação tem o papel de transformar o cidadão e a própria instituição para que os aspectos econômicos, técnicos e de gestão administrativa seja de bom funcionamento para o sistema cooperativo, de forma a auxiliar na busca por melhores resultados. É necessário implantar a prática e a filosofia cooperativista com base nos princípios fundamentais para que a educação esteja sempre presente e seja permanente na sociedade.

A educação cooperativa valoriza e conscientiza o homem, formando o capital humano estratégico e intelectual tão necessário para a implantação e o desenvolvimento de novas organizações de caráter cooperativista, buscando dar novas oportunidades à sociedade principalmente nas comunidades de baixa renda.

Nos dias atuais, onde tanto se fala em desenvolvimento sustentável, a responsabilidade social traz uma nova visão de gestão administrativa. Conseguindo atender, satisfazer e superar as necessidades dos associados e de toda comunidade, de forma que estes se sintam satisfeitos em participar e contribuir para uma ação social que está presente na sociedade onde vive.

A cooperativa de crédito Sicredi realiza diversas atividades sociais, no entanto existe a parceria com o programa A União Faz a Vida, juntamente com escolas e centros educacionais ligados à rede pública, municipal, estadual e privada. Onde existem bases sólidas de educação para a cooperação, como forma de solidificar e disseminar a cultura da cooperação, do mutualismo e a prática do empreendedorismo. O programa é uma forma de direcionar, planejar e atuar no

desenvolvimento da Responsabilidade Social, visando propiciar e trazer resultados socioeconômicos tanto para a organização quanto para a sociedade.

Ainda que o programa encontre-se em fase de implantação, a divulgação e a conscientização entre os professores amplia os reais objetivos do programa, conforme os resultados do questionário aplicado aos professores e assessores pedagógicos acredita-se que a multiplicação da ideia facilita o desenvolvimento do programa em seus anos seguintes, os resultados demonstraram que o programa tem um futuro de grandes realizações e que pode trazer benefícios no investimento da educação continuada dos educadores, fortalecendo os valores da cooperação e da cidadania. Também propicia o desenvolvimento de projetos cooperativos voltados para a comunidade, estimulando a participação ativa dos pais e da comunidade na educação das crianças e adolescentes do município e gera recursos para a comunidade escolar, essas atitudes de cooperação estão contribuindo para a formação e a atuação de cidadãos mais comprometidos.

A proposta do programa consegue atender o que se propõe a sociedade, uma alternativa a ser desenvolvida por uma cooperativa de crédito, desenvolvendo sua responsabilidade junto com a comunidade da qual faz parte, contribuindo para a sustentabilidade econômica e social, na construção de uma nova sociedade.

O programa A União Faz a Vida vem exatamente atender às expectativas da responsabilidade social, quanto ao cumprimento dos papéis econômicos, legais, éticos, e estendendo para a sociedade onde a cooperativa de crédito está inserida.

5.1 SUGESTÃO PARA TRABALHOS FUTUROS

A responsabilidade social hoje em dia traz uma nova visão de gestão administrativa, consegue atender, satisfazer e superar as necessidades da sociedade, de forma que sintam satisfeitos em participar e contribuir para uma ação social que está presente na comunidade. Com base no trabalho desenvolvido, recomendam-se outra pesquisa sobre as contribuições das estratégias empresariais para a prática da responsabilidade social. Visto que este trabalho possa servir de base para novos trabalhos.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa. **Monografia no curso de administração: guia completo de conteúdo e forma: Inclui normas atualizadas da ABNT, TCC, TGI, trabalhos de estágio, MBA, dissertações, teses.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ANBIMA, **Programa de certificação profissional CPA-10 modulo 01**, Brazilian Management Institute, 2010.

BELATO, Dinarte. **Seminários de Implantação- Programa A União Faz a Vida**, Porto Alegre 2003.

BENATO, João Vitorino Azolin. **O ABC do Cooperativismo.** OCESP. 5ª Ed. – 08/99 São Paulo/SP.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica.** São Paulo: Pearson Prentice, 2002.

_____. **Metodologia Científica:** 5. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

_____. **Metodologia Científica:** Para uso dos estudantes universitários [por] Amado Luiz Cervo [e] Pedro Alcino Bervian. 3. ed. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHARLOT, Bernard. **Educação Para Quê. Extra-Classe**, Ano 6, n. 58, dez. 2001.

CONCEITO DE COOPERATIVISMO: Disponível em:
<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/principios.asp>. Acessado em 29 de Fevereiro de 2012.

Conhecendo o Programa A União Faz a Vida / Fundação Sicredi (coord.), Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2008.

CRUVINEL, Elvira. **Responsabilidade Social em Instituições Financeiras.** Rio de Janeiro: Campus, 2008.

DELORS, Jaques. **Educação, um tesouro a descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília. DF; MEC; UNESCO, 1998.

DIAS, Reinaldo. **Responsabilidade Social: fundamentos e gestão.** São Paulo: Atlas, 2012.

EVOLUÇÃO NO BRASIL: Disponível em:
http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/evolucao_no_brasil.asp. Acessado em 05 de Março de 2012.

FIALKOW, Maria Z. (coord). **A União Faz a Vida; educação cooperativa subsídios para professores do Ensino Fundamental**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002 – 2ª. Edição.

Formação de Assessorias Pedagógicas do programa A União Faz a Vida/ Fundação Sicredi, Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2012.

GAWLAK, A.; RATZKE, F. **Cooperativismo: Primeiras Lições**. Brasília: SESCOOP, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. 11 reimpr. São Paulo; Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Hartung, Alcyr Peters. **O Cooperativismo ao alcance de todos**. 2ª Edição, OCESC/ITEC. Edit. Estúdio 4, Florianópolis- SC, 1996.

[Http://www.sicredi.com.br/auniaofazavida/](http://www.sicredi.com.br/auniaofazavida/) acessado em: 29/02/2012.

IRION, João Eduardo Oliveira, **Cooperativismo e economia social/** Joao Eduardo Irion. São Paulo – Editora STS, 1997.

KARKOTLI, Gilson; **Responsabilidade Social Empresaria**. 2 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Responsabilidade Social: uma contribuição à gestão transformadora das organizações**. 4 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KROETZ, César Eduardo Stevens. **Balanco social: teoria e pratica**. São Paulo: Atlas, 2000.

KRUEGER, Guilherme. **Ato Cooperativo e seu adequado tratamento tributário**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2004.

Manual das Cooperativas de créditos/Confederação Nacional do Comércio. Rio de Janeiro: CNC, 2003.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dado** . 2. ed. São Paulo; Atlas, 1990.

_____. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. Metodologia Científica. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MACHADO FILHO, Cláudio Pinheiro; **Responsabilidade Social e governança: o debate e as implicações**: Responsabilidade social, instituições, governança e reputação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. **Responsabilidade Social e cidadania empresarial; a administração do terceiro setor**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

MONTANA, Patrick J.; CHARNOV, Bruce H. **Administração**. São Paulo: Saraiva 1998.

O NASCIMENTO DO COOPERATIVISMO: Disponível em:
<http://www.cooperativismodecredito.com.br/HistoriaCooperativismo.html>. Acessado em 29 de Fevereiro de 2012.

PRADO, Flávio Augusto Dumont. **Tributação das Cooperativas à luz do direito cooperativo**. 1ª Ed. Ano 2004. 5ª Tir./ Curitiba Juruá, 2008.

PRESTES, João M.; BULGACOV, Sergio. **Sistemas e Processos Organizacionais. Manual de gestão empresarial**. São Paulo: Atlas, 1999.

PRINCIPIOS BÁSICOS DO COOPERATIVISMO
 <http://www.cooperativismopopular.ufrj.br/princ_basico.php>. Acessado em 29 de Fevereiro de 2012.

PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO: Disponível em:
<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/principios.asp>. Acessado em 29 de Fevereiro de 2012.

PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA- **Guia para gestores**/ Fundação Sicredi (coord.) Porto Alegre, 2008.

RICCIARDI, Luiz. **Cooperativismo, uma solução para os problemas atuais – 2ª Edição**. Editora e impr. Coopermídia, Vitória ES, 1996.

SANTOS, Ariovaldo dos. Gouveia, Fernando Henrique Câmara. Vieira, Patrícia dos Santos. **Contabilidade das SOCIEDADES COOPERATIVAS, Aspectos Gerais e Prestação de Contas**. São Paulo, Atlas, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. - 22. Ed. Ver. E ampl. De acordo com ABNT – São Paulo: Cortez, 2002.

TINOCO, João Eduardo Prudêncio. **Balanco Social**: uma abordagem da transparência e da responsabilidade pública das organizações. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

APÊNDICE



Prezado(a) Assessor(a) Pedagógico(a) e/ou professor(a) parceiro do programa A União Faz a Vida:

Sua contribuição é muito importante para a realização desse estudo. Agradecemos antecipadamente pela sua contribuição para o trabalho de Monografia intitulado: Cooperativa de Crédito e Responsabilidade Social: estudo de Caso sobre a implantação do programa A União Faz a Vida em uma Cooperativa de Credito de Livre Admissão de Associados.

De acordo com sua avaliação, marque com um x a resposta que mais lhe parece adequada.

1. O compromisso social que o Sicredi demonstra na comunidade, incentiva que outras empresas locais façam o mesmo?

- a. Concordo totalmente
- b. Concordo parcialmente
- c. Discordo parcialmente
- d. Discordo totalmente

2. A atuação do Sicredi voltada para a iniciativa da educação pode contribuir para o desenvolvimento social das comunidades?

- a. Concordo totalmente
- b. Concordo parcialmente

- c. Discordo parcialmente
- d. Discordo totalmente

3. Para estimular à participação e a contribuição dos envolvidos no desenvolvimento do programa A união Faz a Vida é necessário desenvolver trabalhos que possibilitem uma reflexão sobre mudanças de atitudes; divulgar o programa para as famílias dos alunos e colher sugestões dos parceiros para que o programa tenha mais sucesso?

- a. Concordo totalmente
- b. Concordo parcialmente
- c. Discordo parcialmente
- d. Discordo totalmente

4. O programa através da metodologia proposta pode ser entendido como um veículo importante para a disseminação dos valores e princípios da cooperação e da cidadania?

- a. Concordo totalmente
- b. Concordo parcialmente
- c. Discordo parcialmente
- d. Discordo totalmente

5. Para melhorar a proposta de educação nas escolas através do desenvolvimento pessoal dos profissionais envolvidos no programa, deve se intensificar as reuniões, trocar ideias entre os profissionais e traçar, juntos uma linha de trabalho condizente a realidade da comunidade escolar?

- a. Concordo totalmente
- b. Concordo parcialmente

- c. () Discordo parcialmente
- d. () Discordo totalmente

6. A Parceria do Sicredi, pode garantir o desenvolvimento do programa A União Faz a Vida, com mais investimentos na Formação continuada de todos os profissionais de Educação e estabelecendo outros parceiros a longo prazo junto aos órgãos competentes?

- a. () Concordo totalmente
- b. () Concordo parcialmente
- d. () Discordo parcialmente
- e. () Discordo totalmente

7. O Sicredi faz jus ao seu objetivo de ser cooperativa e buscar o bem estar de todos, de forma que cooperem, fazendo com que se torne um diferencial e trazendo benefícios para toda a sociedade?

- a. () Concordo totalmente
- b. () Concordo parcialmente
- c. () Discordo parcialmente
- d. () Discordo totalmente

8. É correto afirmar que através da implantação do programa A União Faz a Vida, o Sicredi estaria desempenhando parte de seu papel social perante a sociedade?

- a. () Concordo totalmente
- b. () Concordo parcialmente
- c. () Discordo parcialmente
- d. () Discordo totalmente

9. Seria importante que o Sicredi implantasse o programa A União Faz a Vida em outras cidades da região?

- a. Concordo totalmente
- a. Concordo parcialmente
- b. Discordo parcialmente
- c. Discordo totalmente

10. O programa A União Faz a Vida pode auxiliar na aproximação da empresa, escola e comunidade, através de atividades sócias educativas para as crianças e adolescentes tornando os cidadãos mais comprometidos com a qualidade de vida e com o meio em que vive?

- a. Concordo totalmente
- b. Concordo parcialmente
- c. Discordo parcialmente
- d. Discordo totalmente

11. Avalie a importância da implantação do programa A União Faz a Vida para o bem estar social da comunidade onde está implantado?

- a. 1 Irrelevante
- b. 2 Relevante
- c. 3 Importante
- d. 4 Muito importante

12. Com base em seu conhecimento no que diz respeito a implantação do programa A União Faz a Vida, e com o intuito de mensurar o nível de aproveitamento

do mesmo entre as pessoas envolvidas, você considera que a realização deste trabalho científico é?

- a. () 1 Irrelevante
- b. () 2 Relevante
- c. () 3 Importante
- d. () 4 Muito importante.